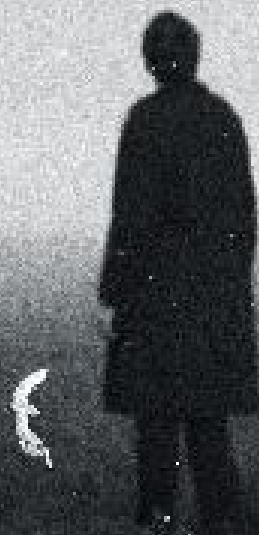


NIGHTMARES

alguns pesadelos para quem dorme acordado



*Elemental
Editora*

NIGHTMARES

alguns pesadelos para quem dorme acordado

NIGHTMARES

alguns pesadelos para quem dorme acordado

VÁRIOS AUTORES

1ª EDIÇÃO

ISBN: 9780463284803

ELEMENTAL EDITORAÇÃO

Ficha do Livro

Nightmares – alguns pesadelos para quem dorme acordado,

Vários Autores

Organizador: Fernando Lima

Capa: Fernando Lima

Imagem da Capa: Gabriel 714976

Diagramação e Edição: Elemental Editoração

Revisão de Texto: Feita pelos próprios participantes

Copyright desta edição: 2018 © Elemental Editoração

ISBN: 9780463284803

1. Coletânea 2. Contos 3. Português 4. Nightmares

1. Título 2. Livro Digital 3. Coleção

Todos os direitos sobre esta obra são de exclusividade do selo independente Elemental Editoração, para qualquer tipo de informações ou reproduções sobre a mesma, é necessário a autorização antecipada pelo selo assim como pelos autores participantes deste projeto.

Sumário

FICHA DO LIVRO

APRESENTAÇÃO

A BESTA NA JANELA

AS GAIOLAS

AVE MESTRE LÚCIFER

BAD TRIP

CARNAVAL DE SANGUE

O RELÓGIO DE PAREDE

DELÍRIO

ELE SE ALIMENTA DE SONHOS

EU E OS OUTROS

O REI DO FOSSO

ILUSÓRIAS ELUCIDAÇÕES

MAR NEGRO

ESCURIDÃO ILUSÓRIA

O ENCONTRO

O MAUSOLÉU

SUCCUBUS

Apresentação

Por: **Fernando Lima**

O Autor:

Fernando Lima é natural de Santo André – SP. Publica suas obras com os pseudônimos de Donnefar Skedar e Jay Olce, além de ser criador e organizador do projeto A Arte do Terror, também administra o selo Elemental Editoração.

Contato: [E-mail](#)

Apresentação:

Nightmares — *alguns pesadelos para quem dorme acordado*, é uma coletânea onde o fantástico e o sinistro se encontram para alimentar a mente humana. Neste livro você encontrará alguns contos diversificados dentro dos gêneros terror, horror, suspense e mistério. Com textos voltados para todos os gostos, eis uma breve apresentação do que temos na nova literatura fantástica do meio independente.

Aproveite a leitura e se gostar, compartilhe e avalie o livro.

Boa Leitura!

Fernando Lima

Organizador

A Besta na Janela

Por: **Rangel Elesbão**

O Autor:

Rangel Elesbão nasceu em Cachoeira do Sul (RS) em 1983. Estudante de Administração, nunca abandonou sua paixão pelas letras. Começou a escrever aos treze anos, mas somente em 2016 começou a publicar seus contos macabros em plataformas para escritores amadores, que até então estavam engavetados.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

A Besta está lá fora.

Espera o meu descuido, assim que eu sair de casa. Para me atacar. Mas não vou sair para a rua. A Besta, também poderia entrar se quisesse. Mas não o faz. Ela fica sentada sob a sombra de uma árvore, me esperando. Vigiaro.

“Se você não se comportar, a Besta vai te pegar!”

Da janela, eu a vejo, com os dentes pontudos e rosto demoníaco. Esperando eu colocar o pé para o outro lado da porta. Fiapos de baba

escorrem pelo canto da sua boca. Seus olhos enormes com um brilho amarelo, sobre o seu focinho peludo. Farejando o meu medo no ar.

“Menino mau, Jamie!”

Ainda ouço a sua voz, me assustando, mamãe. Depois de tanto tempo...

A Besta continuava lá...

Passavam dias e noites, mas ela continuava lá. À espreita. Embaixo da mesma árvore. Apenas me esperando.

Durante a noite é pior. Seus olhos brilham no escuro, faiscantes, como os de um animal predador.

— A senhora fica aí sentada, sem fazer nada, enquanto a Besta está lá fora, esperando para me pegar. Desde que eu era criança!

Ouvi um rosnado. Era o som que ela fazia quando estava com fome. Rosnava e arregaçava a sua bocarra, mostrando seus dentes afiados. Famintos.

— Nunca fui um menino mau! – eu disse, ainda segurando o martelo — Mas a Besta quer me pegar, e esse martelo, é tudo que tenho para me proteger!

— Deixe a mamãe levantar, Jamie! – disse a senhora — Mas quero que fique aí, eu nos defendo da fera!

A senhora estava esperando o papai chegar, mas eu sei... Eu sei! Ele foi pego pela Besta. Eu a vejo pela janela, com seus pelos e patas sujas de sangue.

Já estava anoitecendo, e Ela continuava lá. Um brilho assassino nos seus olhos.

A Besta me acompanha para cada lado que eu vá. A vejo me seguindo, pela movimentação na janela. Se eu a vejo parada na rua, então, também posso ser visto dentro de casa.

Caminhei até a janela, de onde a avistava se aproximando da vidraça. Baixei a cortina para não vê-la. Não passei a chave na porta. Ela nunca tentou

entrar em casa, nem quando eu era criança, nem mesmo agora depois de adulto. Mas poderia entrar, com suas garras e patas ensanguentadas, se assim desejasse.

Penso o motivo pelo qual a Besta me escolheu, para perseguir. Sempre próxima de mim. Não consigo entender...

Não vou apagar as luzes. Vai ficar uma luminária na janela. Para que Ela saiba que não baixe a minha guarda.

Fui até a mesa onde mamãe estava sentada, imóvel, a cabeça pendendo para baixo. Serena, em seu sono tranquilo.

“*Jamie, você não presta!*” – ela havia gritado comigo aquela vez, quando criança — Menino malvado! A Besta vai vir buscar você!”

E assim, me arrastou até o velho armário, no fundo do porão escuro. Me trancou lá dentro, rindo do meu desespero, e chaveou a porta. Desesperado, com falta de ar, assim mesmo a senhora ria da minha agonia e não abriu a porta. Me assustava ainda mais, contando histórias sobre a Besta, que arrancava os olhos das crianças malvadas. Se satisfazia em aumentar o meu pavor.

— Mas a Besta não vai me pegar, mamãe! — gritei — Eu quem vou acertar ela! — Vou esmagar sua cabeça e o focinho com o martelo!

Ouvi ao longe o barulho de um carro chegando. Estava passando pelo portão da fazenda. O ronco do motor se aproximava e logo estacionou ao lado da árvore. A Besta estava atenta. Pegaria quem quer que saísse dele.

O suor frio escorria no meu rosto e na minha nuca, grudando a camisa no meu corpo. Eu ofegava segurando o martelo, sentindo os nós dos meus dedos doerem.

“*A Besta vai comer os meninos maus, que maltratam os animais!*” – dizia mamãe, enquanto juntava os pedaços do coelho espalhados no celeiro. Mas ela nunca me deixou ter amigos ou brincar com as crianças das fazendas vizinhas.

— Anne! Venha depressa! – gritou meu pai, ouvia seus passos correndo lá fora. — Eles já estão chegando!

Corri até a janela nesse momento, e vi através da vidraça Ela se aproximando. Sedenta.

Os meus dedos seguravam firme o cabo do martelo, meu coração batia descompassado. Cada passo que eu dava na sala, Ela movimentava outro igual lá fora. Se aproximando, pronta para caçar. A saliva já escorrendo no canto da bocarra.

Tinha certeza que atacaria meu pai antes dele entrar, e ficaria espreitando até o momento que a porta se abrisse.

Quando a maçaneta girou e a porta abriu lentamente, rangendo suas dobradiças enferrujadas, me escondi numa sombra atrás dela.

— Anne! – era a voz do meu pai, gritando horrorizado.

Mas não era ele quem havia entrado.

Era aquela criatura bestial. Caminhava sobre as duas pastas traseiras, estalando as tábuas do assoalho. Exalava um cheiro de morte. De carne pútrida..

Parou em frente a mesa, com o peito arfando, olhando para a minha mãe.

— Oh, Jesus Cristo! O quê fizeram com você?

A Besta estava com sangue escorrendo nas suas patas, na sua pelagem reluzente.

Mas antes que a criatura concluísse seus pensamentos, saltei do meu esconderijo segurando o martelo. Urrando como um lobo enfurecido, golpeei a Besta na sua cabeça, fazendo com que caísse no chão.

Sentia no meu corpo os efeitos da adrenalina descarregada pelas minhas glândulas suprarrenais. Ainda urrando, segurava o martelo ensanguentado, que deslizava entre os dedos.

A Besta zonzada com o primeiro golpe, remexia-se no assoalho enquanto

subi sobre ela. Cada golpe desferido, fazia esguichar jatos mornos e viscosos de sangue e miolos, nas paredes e na minha roupa, sujando-a ainda mais. Quando mais eu golpeava, mais prazer em martelar eu tinha. A cabeça da Besta, parecia uma massa de carne.

De repente, braços me seguraram com firmeza e me puxaram com violência, fazendo com que o martelo escapasse das minhas mãos e caindo na soleira da porta.

Tentei me safar, mas meus sapatos escorregavam, na poça de sangue que estava formada no chão, banhando-me ainda mais naquele lago brilhante e vermelho.

Extasiado por matar mais uma besta, não ouvi o som do outro veículo que chegou lá fora.

— O senhor e a senhora Freeman estão mortos! – falou um velho e óculos e bigode. — Vou chamar a polícia!

Rosnando como um lobo furioso, tentava me soltar, mas era preso nos braços por dois homens vestidos de branco.

— A Besta está lá fora! – gritei.

— Acalme-se, Jamie! – falou o velho – Tudo ficará bem! Você será levado novamente para o sanatório de onde fugiu! O Sr. Freeman foi nos avisar assim que você apareceu aqui na fazenda...

— A Besta estava lá fora! – eu tentei falar, mas que diabos, aqueles branquelos não me ouviam – Ela entrou... eram duas... e tinha outra, que ficava o tempo inteiro... Vigiando! Espreitando ferozmente... Cada vez que eu chegava na janela, a via no reflexo da vidraça...

As duas bestas estavam mortas na sala. Uma delas sentada na cadeira. Outra no assoalho, imersa em uma poça de sangue.

— A senhora Freeman também foi atingida pelo martelo! – falou o velho
— Deus do Céu, que horror! – olhou com uma expressão de nojo para mim
— Levem-no!

No momento que os homens me puxavam, apertando meus braços com suas garras fortes, ouvi o velho falar um palavrão, seguido de um grito sufocado:

— Isso é repugnante! – falou enquanto erguia a cabeça da besta morta na cadeira — Que houve com a boca dela?

Abri um sorriso de orelha a orelha, orgulhoso da minha humilde proeza.

— Arranquei a sua língua! E costurei para que ela nunca mais chamasse a Besta!!!

Os brutamontes de branco me puxaram com mais força ainda. Pareciam estar com muita raiva de mim, por eu ter liquidado com as criaturas bestiais.

Enquanto me carregavam, passei em frente a janela.

A Besta ainda estava lá, ávida. A vi pelo reflexo do vidro, segurada nos braços pelos homens brancos.

Rosnava assim como eu. Furiosa.

No reflexo da vidraça, minha fisionomia se fundia com a dela. Seus pelos misturavam-se com minha barba, nossos olhos num mesmo brilho faiscante e insano. Por instantes pareciam formar uma criatura híbrida. Eu e a Besta éramos uma única pessoa, afinal.

Apesar de os meus esforços para me safar, me enfiaram uma camisa de força. Pensavam que iam controlar uma besta enfurecida somente assim. Deitei na maca dentro da ambulância.

O sangue no meu corpo era pegajoso e já estava começando a secar. Meu corpo cheirava a carne em decomposição. As amarras da camisa de força nas minhas costas, eram desconfortáveis. Mas algo ainda me trazia alento à alma...

Era o reflexo de uma besta assassina, imobilizada, rugindo à minha frente; refletida nos vidros sujos e embaçados da janela da ambulância.

FIM

As Gaiolas

Por: **Czar Milch**

O Autor:

David Leite, nascido e criado em Jandira.

É especialista em Arte e Conceito de Game Design pelo Instituto de Artes da Califórnia e certificado em Escrita Transmídia pela Universidade de Michigan. Participa de antologias e publicações, como A Arte do Terror e Revista Literalivre desde 2017.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

Era sua missão acolher a alma dos sonhadores. Talvez fosse um anjo, como muitos o nomeava em suas orações a pedir descanso, mas lhe parecia um rótulo impróprio. Lembrava das hierarquias celestes, das hostes de que uma vez ouviu. No entanto, no plano árido que solitariamente dominava, jamais alguém o visitou. Na eternidade em que exercia seu ofício, nunca ninguém lhe instruiu. Ainda menos o condecorou com asas, aureola e vestes níveas, ou qualquer outro artifício que sugerisse algo mais próxima do que imaginava a figura angélica. Na realidade, sequer se reconhecia. Não era

capaz de distinguir em si, forma diáfana, algo ou alguém, e se não fosse uma latente consciência sequer poderia estar seguro do próprio existir seu. No entanto, sabia que ali estava, sabia que existia, como alguma entidade incorpórea, naquele plano límbico.

Sabia também das imagens dos anjos. Pois era seu papel, ali, estar lá para os sonhadores do duro plano da realidade. Ali, exercia a atividade de vê-los em berço de ilusão. Neste terreno obscuro onde tudo o que o sonhador via e sentia enquanto desperto tomava a eloquência caótica onírica. Ele, como observador impassível, investigava as formas e cores e nomes e estórias de quem entrasse em seus domínios. Não poderia se considerar um protetor. Não guardava ou protegia os não despertos de nada que ali surgia. Era um de plano de criação e caos. Não caberia a ele protege-las. O sono dos justos, que muitos falam, a fantasia protegida dos bons... Estava a eternidade ali a desempenhar uma função qualquer, mas poderia afirmar que esse enredo também era uma falácia. O viver do sonhar era árduo para todos. Crentes, incrédulos, bons e maus. Isso ele podia afirmar, e nada fazer.

Aliás, nada fazia. As janelas por onde vislumbrava o idílio alheio espocavam no ar, por todo o lado. Sem qualquer intervenção sua. Resplandecentes espelhos de molduras nebulosas que surgiam a cada segundo. Cavidades brilhosas no breu, onde filmes incoerentes eram transmitidos.

Seu papel ali era simples....Observar. Fez isso por quanto tempo que não poderia dizer. Conhecia o que era tempo através dos sonhadores, mas para ele era outra coisa desconhecida como o anjo que pensou ser antes.

Dentro de seu âmago, então, nova inquietação surgia. O seu papel. Nada fazia. Por pouco sabia que existia. O que fazia ali, então? Apenas observava?

Colheu então, de uma das montras de devaneios, a figura de um anfitrião. Porta-se como tal, então. Começa a saudar com um apêndice imaginário todo sonhar que surge. Tenta recebe-los com toda a etiqueta e maneirismos do bom anfitrião, tal como observara nas imagens dos bons sonho, onde

banquetes e festejos eram apreciados.

Não pareceu funcionar. Sua presença não parecia ser notada por nenhum dos divagantes, tampouco seria a mudança de atitudes com ele.

Frustra-se por um momento, recosta o que imaginava ser seu corpo em um dos espelhos oníricos e sente, por um momento, penetra-lo. Observa novamente e percebe que perturbava ali o encaminhar da cena. Ao recostar no espelho, dentro do cenário, cai de sobre uma cômoda o vaso de flores que inadvertidamente tocou. O protagonista do sonho desperta com o quebrar do vidro, então segue o sonho por outro rumo, talvez...

Percebeu então, depois do indefinido tempo que ali estava, que podia através daquela janela projetar sua presença e transformar aquilo que via, pelo menos um pouco, em novos enredos... Um sutil empurrar, uma mudança pequena de objeto próximo, qualquer recatada atitude sua podia tornar aquele sonho um pouco diferente.

Brincou com isso por um tempo. Empurrava vasos, trocava itens de lugar, acionava equipamentos e o sonhador sempre parecia surpreso com aquilo. Fez o papel de *poltergeist* até entediá-lo e voltar para a posição inicial.

Retornando ao ócio anterior, novas dúvidas surgem sobre sua cabeça. Ele não podia sonhar. Sequer podia dormir e, caso dormisse, sonharia o que, exatamente? Naquele limbo em que vivia, inerte, vazio, não havia experiência que pudesse compor sua própria obra nos sonhos. Apenas o passivo olhar do sonho alheio era insuficiente. Era pouca vida, minguada demais para ser fonte de algo melhor do que já viu ali em todos os espelhos.

Tenta entrar novamente em um dos espelhos. Dessa vez, atravessa por completo sua presença para o pequeno quarto onde o sonho se desenrolava. Deitado na cama, o sonhador sonhava que dormia. Tantas aventuras, mundos e exuberância nos sonhos de outros, este parece que tinha enormes reservas em algo extravagante. O pequeno aposento que ocupava era mofado, de precárias condições. Pouca e desgastada mobília. O sonhador, então, pareceu

sentir que alguém ocupava o quarto com ele. Descobrimo a cabeça, observa, a luz da vela na cômoda a presença estranha. Atônito.

Ele, a presença sem nome, se espanta ao perceber que o sonhador o via. Um espelho quebrado jogado no canto da parede então revela à presença algo inédito. Era ele uma símile do sonhador. Idêntico.

O sonhador ameaça gritar, mas sua voz não sai, como em todo pesadelo

A presença, ainda contemplando o fato de ter tomado corpo e existir ao atravessar, olha para as próprias mãos. Cerra os punhos, e toca a própria face, fascinado. Por longos minutos encara-se no espelho quebrado, movendo os músculos da face em todos as feições que antes vira.

O sonhador, dono original daquela forma confiscada, levanta-se abruptamente. Tenta buscar com as mão por algo para se defender. Não havia nada próximo a ele que pudesse servir de arma. O transe da presença se quebra com a movimentação. Olha para o sonhador. O que faria agora? Estava dentro do sonho de um visitante de seus reinos, e tomou, por incomum ocasião, a pele deste. Não “simplesmente existia” agora. Havia algo de vivo crepitando em sua essência.

Assustado cada vez mais, sem conseguir soltar nota da garganta para gritar, o sonhador se encolhe na parede. A presença, então, decide rápido. Iria alimentar aquele sopro de vida dentro de si. Tomaria aquela vida.

Num movimento agora de mãos formadas, constrói no ar uma grande gaiola dourada. Mesmo com a batalha do sonhador, consegue arrasta-lo para dentro dela com facilidade. A ergue como uma pluma e, mirando o outro lado do espelho pelo qual viu anteriormente aquele ingênuo sonho. Arremessa a gaiola, que prespassou o portal e vagou para o limbo onde antes ele estava.

Agora ele era o sonhador. E, em momentos, o desperto para o mundo.

Um apagar repentino de luzes....um estampido...e ele desperta sobressaltado.

Estava acordado, então.

No mesmo quarto do sonho. Nada mudou. O cubículo estreito e pobre. Sentia com mais firmeza o acolchoado em que estava deitado. Olha novamente para as mãos. Ao apertá-las, um fluxo de sangue é sensível subindo pelos braços até o punho. Sentia seu corpo. Sentia vida.

Levantou-se com entusiasmo. Aproveitaria agora para sentir o banquetear vivo, a exuberância que via povoando os sonhos, os sentimentos plenos e confortáveis que tanto o encantavam no pensamento alheio.

Abre a porta de tapume do aposento, que dava para um corredor longo, também ruinoso, com dezenas de outras portas castigadas como a sua.

Não parecia em nada os cenários suntuosos que viu.

Passos no corredor mal iluminado chamam sua atenção.

— E ae, Carlos. Como vai, amizade?

Um homem sem camisa, repleto de tatuagens no corpo, saúda ele com certo escárnio na voz.

— Vou bem. Obrigado. – Ele responde, em dúvida de como deveria se portar.

— Então, né, truta? – Continua o homem – Três meses de aluguel vencido, certo?

Aluguel? Não entendia bem o que era isso. Jamais viu alguém, em seu conforto, colocar esse nome dentro de seus sonhos.

— Eu não.... – Hesita em responder

— É muito dinheiro que tu deve para mim, chapa...

Dinheiro? Procura nos bolsos por algo parecido. Via dinheiro em sonhos, montes e montes. No bolso, apenas uma nota amassada com o numeral 2 e algumas moedas.

Oferta para o homem mal-humorado o que apanhou com prontidão

O homem joga o pescoço para trás com uma gargalhada indignada.

— HAHHAHA...vc tá tirando uma com minha cara, seu palhaço?

Como o homem parecia cada vez mais hostil, ele decide que deveria agir de algum modo. Defender aquela vida que acabou de tomar. Decide que deveria ataca-lo com a firmeza que tinha agora. Subjuga-lo como muitos sonhadores o haviam demonstrado em seus vitoriosos e heroicos idílios.

Com o punho cerrado, num frenesi para se defender, desfere um direto na face do homem. O golpe foi o mais violento que pode dar, mas aquela face de pedra, já castigada do homem, apenas sofre um espasmo e um corte no lábio.

— AGORA TU PASSOU DOS LIMITES, MANÉ! – Berra o homem tatuado.

Ele sente o sangue descer para suas pernas. Repentinamente, o calafrio, medo, desespero se irmanam dentro de sua cabeça. Estava não num sonho, mas num pesadelo. O corpo então responde por ele e se põe em corrida.

O homem tatuado o persegue. Pelos corredores fétidos e cheios de umidade. Alguns quartos abertos revelavam pessoas castigadas, usando todo tipo de drogas, vendo a confusão que se formou, enquanto em outros algumas pessoas humildes batiam a porta para se protegerem do caos. Como nos sopores tortuosos dos entorpecidos que entravam em seu reino de antes, era isso que ele sentia enquanto cortava os corredores labirínticos do edifício, descia escadas em pulo, ainda sendo perseguido pelo homem tatuado.

Ao saltar um lance de escadas destruídas, dá de frente para um tapume impedindo nova decida. Num beco sem saída, desesperado, tenta chutar o tapume para abrir caminho, sem sucesso. O homem tatuado desce as escadas calmamente então, enquanto puxa uma faca do bolso.

— Ora, passarinho quer voar para onde? – diz, com desdém – Essa aqui é MINHA gaiola, Carlos....

Ele se recosta no tapume, em desespero. O homem tatuado se aproxima vagorosamente, pronto a ataca-lo.

Uma explosão, então.

Alguns andares acima, faz tremer o edifício arruinado inteiro.

O incêndio se alastra rapidamente. A queda dos escombros é ainda mais rápida. Ele, o homem tatuado, os outros residentes, todos presos naquela gaiola, que se desfazia.

Em outro lugar, na vastidão inerte do limbo, outra gaiola se desfazia, e espelhos de molduras nebulosas surgiam e evanesciam. A presença, libertada, sequer se reconhecia, exceto pela sua consciência de existir...

FIM

Ave Mestre Lúcifer

Por: **Carlos H. F. Gomes**

O Autor:

Carlos H. F. Gomes é de São Paulo. Foi bicampeão do DTRL-Desafio de Terror Rascunhos Literários, é organizador do Projeto A Arte do Terror, participa das antologias Sociedade dos Poetas Vivos e O Mundo Fantástico de R. F. Lucchetti e do romance coletivo Rio Vermelho.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

*“Na clareira entre as árvores
A lua cheia brilha na escuridão
Eu ouço cada vez mais alto o canto
Eu grito o louvor
Ave Mestre Lúcifer”
Besatt*

Foi no show do *Besatt* que vi sua carantonha pela primeira vez.

“Possuído”, acho que em norueguês ou suíço; sei lá se existem esses idiomas. *Besatt* é uma banda de *black metal*, com seu visual cheio de couro e arrebites, dando agressividade à presença de cada membro, além da maquiagem *corpse paint*, ou pintura de cadáver, deixando-os com cara de “coisa ruim”.

A energia emanada dessa música sólida e rápida é a que faz a minha cabeça. Nem me interessa se o *black metal* tem como temática o satanismo, ocultismo, anticristianismo e essas coisas de gente descontente. Não entendo inglês e as bandas que se metem a cantar em português não dá para entender a letra, então é o som, o poder dos trítonos afinados em 440hz que fazem essa música ímpar me seduzir tanto.

Trítono é aquela combinação de notas que deixam a música tensa e que foi proibido pela Igreja Católica na Idade Média, que denominou o fenômeno de “Diabolous in Musica”. Para tentar te explicar, vou citar um exemplo bobo: imagine uma cantiga de ninar, agora imagine que no final apareça um som que não combina com a melodia, tipo um pããããããããã rouco, que dure só três segundos e que nesse ínfimo tempo, que custa a passar, você fica na maior aflição querendo que aquilo acabe imediatamente.

É tão sinistro esse trítono que ele é o intervalo de três tons inteiros entre duas notas. A conta é assim: temos as notas dó, ré, mi, fá, sol, lá e si; por exemplo, se você tocar ao mesmo tempo as notas fá e si, terá um trítono. A equação é a seguinte: da nota fá à sol, temos um tom; de sol à lá, mais um; e de lá à si, o terceiro, o que é igual a três tons. Então você toca duas notas com um intervalo de três tons entre elas. Isso é um “Diabolous in Musica”.

Para complicar ainda mais, tem um tal de experimento cimático que mostra a diferença entre instrumentos afinados em 432hz, frequência que dizem ser a da vida, e depois em 440hz, que, dizem, causa uma certa agitação, todos em lá, a nota perfeita. O experimento consiste em observar a vibração causada por um instrumento afinado em 432hz e depois, em 440hz, em uma

folha quadrada de metal, com uma certa quantidade de grãos de areia em cima. O primeiro faz com que a areia forme desenhos calmos, baseados em círculos, e o segundo faz a areia ficar inquieta, gerando desenhos mais complexos, semelhantes aos mandalas, com ângulos retos. Tem uns vídeos muito loucos no *youtube*; parece até montagem.

Pois bem, esses valores de 432hz e 440hz referem-se à quantidade de vezes que a nota vibra por segundo. Ouvidos comuns não identificam tal diferença, já os ouvidos divinos dizem que ela é grande. E a coisa continua sinistra: há uma lenda que diz que o Ministro da Propaganda Nazista na 2ª Guerra Mundial decretou que se mudasse esse valor de afinação para 440hz porque as músicas nessa frequência causavam insegurança nas pessoas e outras sensações do mesmo naipe e a lenda segue dizendo que a regra espalhou-se pela Europa da época. Boa ideia, não. Só não ficou claro como mediam esse valor, quais os instrumentos de precisão eram usados naquele passado remoto. Fato é que o ISO, órgão oficial que atualmente define padrões para o mundo, padronizou a frequência de afinação de instrumentos e coisas relacionadas em 440hz e isso não faz tanto tempo assim.

Então, voltando ao assunto do show do *Besatt*...

A banda tocava as músicas do novo CD, “*Nine sins*”, além de outras mais antigas, e no meio daquela puta sonzeira, todo mundo batendo cabeça, começa a música “*Ave Master Lucifer*” que tem uma pegada bem particular. No *riff* do início, é como se a guitarra cantasse “*Ave Master Lucifer*”, e aí, meu amigo, você não consegue ficar parado. É inevitável a cara de fúria, às vezes a baba voa descontrolada por entre os dentes serrados.

Essa ordem perfeita dentro do caótico, que parece fácil de fazer, nem precisa saber tocar, como dizem alguns pobres de musicalidade refinada, enfim, essa ordem no caos traz à tona um ritmo mental e corporal semelhante à fúria primitiva que aprendemos a segurar e lidar. O que a diferencia do “errado” é que ela é boa de sentir, é elétrica, veloz, mas não destrutiva. É primal e libertadora para um tempo moderno e aprisionador.

É como se você fosse aquela chapa de ferro, do experimento cimático, com a areia em cima, sentindo a vibração de milhões de trítonos afinados em 440hz, bagunçando toda a areia, entortando a chapa de ferro. É uma força interiormente motivada, em resposta a uma força exterior, propagando um gutural que faz a garganta arder.

Voltemos à música “*Ave Master Lucifer*”, porque no momento do refrão apareceu um efeito especial muito foda!

Uma escuridão foi comendo o palco e sumiu; esquisito uma escuridão sumir, já que é ela quem faz sumir. Aí as luzes piscaram muito rápido, embaralhando meus sentidos, mas vi na frente da bateria a imagem de um demônio se levantando com as asas pontudas abertas, de membranas finas e asquerosas, que coava as rajadas de luz, queixo de bode e cabelo escuro e seboso grudado na testa. Acho que era preto fosco, com as pernas finas e esquisitas, como as de um bode. Fui à loucura, mostrei para quem estava ao meu lado, mas ninguém viu.

Essa música não tem solo de guitarra, mas tem uma parte instrumental, como no começo, em que as guitarras “cantam” o refrão e logo entra o vocalista dando seus guturais poderosos, cantado de verdade. Foi naquele momento que senti o cheiro de chorume como se estivesse dentro do meu nariz. Ninguém mais sentiu. Ninguém mais viu aquele efeito especial bem na minha frente, com os olhos parados na cara de homem-bode, sem chifres, o cabelo enebado grudado na cara.

Acabado o *show*, a eletricidade voltou aos níveis socialmente aceitáveis e a segunda-feira chegou. O homem-bode-demônio começou a aparecer e desrespeitar as pessoas que eu mais prezo: a primeira vítima foi minha chefe. Ela me chamou para passar um trabalho chato, como todos os são para mim. Uma escuridão, como a do show, engoliu sua mesa, indo embora como chegou e o bode-homem-demônio fez sua aparição, junto com seu cheiro de chorume, que só eu sentia. A besta começou a “come-la” com seus olhos de bode e a cheirá-la como se fosse uma cabra disponível. Ela não o viu, mas penso que sentiu, porque parecia incomodada e se mexia muito na cadeira.

Foi quando o desgraçado enfiou a carantonha quase dentro do discreto decote dela e começou a fungar, farejando.

Em casa o bode-demônio-homem desrespeitou a vó Luíza, coçando o pinto podre de bode na frente dela. Peguei a vassoura e fui para cima dele, batendo com força, no que, para a vó Luíza, era o ar. Resultado: a coitadinha ligou para minha tia pedindo “pelamordideus” que fosse busca-la.

A próxima pessoa a ser insultada foi minha namorada. A criatura asquerosa, exalando seu miasma de caminhão de lixo, curvou suas asas nojentas, com membranas de pele de filhote de rato, em torno dela e fez ruídos de cópula. Mirei onde deveria ser a cabeça de homem-bode e desci a porrada. Saldo: ex-namorada de olho roxo e a notícia se espalhou rápido, muito rápido, e lá se foram os amigos, inclusive os que estavam comigo no *show*.

Antes que perdesse o emprego, pedi para tirar umas férias atrasadas. A chefia não hesitou, por causa do meu comportamento inquieto, estranho, até de dar medo, e assinou logo o meu requerimento. Então eu poderia me dedicar a descobrir o que estava acontecendo, quem era aquele demônio-homem-bode, dono da escuridão e fedido pra caralho.

Meu amigo Silvio, preocupado com as notícias, foi me visitar. Ele me ouviu com atenção, balançando a cabeça sem parar em sinal afirmativo, coçando o nariz cerca de dez vezes a cada oito segundos e tomava sua cerveja com fleuma bovina. Se alguém poderia me entender, era ele, o cara que me colocou nesse divino inferno do mundo do *heavy metal*.

Mas aí o filho da puta do bode-demônio-homem mijou na cerveja do meu melhor amigo. Antes que ele levasse o copo aos beiços, dei-lhe um tapa na mão e o copo espatifou-se no chão, peguei a garrafa pelo gargalo, quebrei-a na beirada da mesa e fui para cima da infernal aparição. O Silvio pulou da cadeira, como um ninja, afastou-se e ficou só olhando e coçando o nariz. Depois de pôr abaixo quase toda a cozinha, sem acertar uma vez sequer o meu alvo, conformei-me de que era uma luta vã e caí em desespero, sensação de

impotência e a aflição de ser uma ameaça para quem respeito.

Acordei lá pelo meio dia ou mais e o Silvio não tinha ido embora. Insistiu que eu comesse alguma coisa, mas não dava, estava sem fome, e uma sofrida vergonha que me impedia de olhar na sua cara, além do receio de que aquele bicho o desrespeitasse mais uma vez, ou pior, que eu acabasse por desrespeitá-lo. Enquanto tentava comer, olhava em torno a cozinha destruída e refleti que aquela descarga toda me deixou tão exausto que até consegui dormir, coisa que não fazia havia dias.

O Silvio é uma pessoa sensata, mas o que ele me disse fez-me mudar de opinião Segundo ele o que estava me causando aquela “alucinação” era o *black metal* que eu insistia em ouvir, ignorando estilos mais elevados do *heavy metal*, como as bandas melódicas, o *heavy* tradicional e até o *hard rock*. Teve até a “brilhante” ideia de insistir que eu ouvisse um *rock* progressivo tipo *Journey, Asia, Styxx, Boston* e essas bostas que parecem todas iguais. É claro que não segui suas recomendações e assim que ele se foi, comecei a investigar o que poderia ser aquela aparição.

Procurei na *internet* e coisa ridícula, sem pé nem cabeça, é o que não falta naquele mundo. Fiquei pelo menos umas dez horas na frente do computador, até não aguentar mais, e não encontrei nada que se assemelhasse ao bode-homem-demônio. Não desisti do *black metal*, recusava-me a aceitar que tivesse alguma relação com aquela besta e foi em meio ao som poderoso do *black metal* do grande *Bathory* que respirei fundo, abri uma cerveja e relaxei pela primeira vez desde aquele dia do *show*. Acabou o lado A do disco e quando fui virá-lo, aquela escuridão chegou engolindo o toca-discos e o cheiro de chorume envolveu-me em uma atmosfera rarefeita. Decidi ignorar a chegada do bode-demônio-homem e, no escuro mesmo, com calma, virei o disco, fui sentar na poltrona, mesmo sem enxergar nada, afinal conheço a casa desde que nasci, e tateando pela mesinha do telefone encontrei minha divina cerveja trincando de gelada. Fechei os olhos e dei uma golada refrescante.

Ao abri-los, o bicho feio estava na minha frente.

Reparei melhor nos detalhes: tem mais ou menos um e cinquenta de altura, embora as asas pareçam mais altas que ele, são escuras, rasgadas em vários lugares, talvez por mordidas ou unhas, talvez por tiros, parecem de morcego e dobram-se como um guarda chuva e as membranas parecem pele de filhote de rato, com pelo ralo e ensebado. As pernas de bode parecem fracas e mancadas, mas ágeis como as de um velho pedófilo, entre elas está o pinto com aparência de necrosado, pequeno para um bode ou para um homem e para um demônio, uma piada. Até então eu não havia reparado no rabo, quebrado no meio e pelado em várias partes, como se acometido de sarna. Um demônio raquítico que mostrava as costelas à flor da pele e a barriga quase inexistente de tão afundada que era, cheia de cicatrizes.

Sua cara era muito escrota: homem-bode, bode-homem, meio-a-meio, a pele com matizes de um preto fosco, sem chifres. Se os tivesse, daria mais credibilidade, seria capaz de amedrontar, impor respeito. Caso sério os seus olhos parados, de bode, dando a impressão irritante de quem não se importa. Aí a cara vai se afunilando até chegar ao queixo fino, com uma barbicha preta, falha, suja e despenteada, as orelhas são humanas e pequenas, com tufo de pelo negro saindo por elas, o nariz quase que afundado na cara, com narinas largas, também cheias de tufo de pelos nojentos escapando. E para completar a feiura, tem os cabelos muito pretos, grossos, ensebados, grudados na testa, até um pouco compridos, cheio de pontas e bagunçado. A maior decepção fica por conta da ausência de chifres.

Ele me olhava com seus olhos caprinos, coçando o pinto podre. De repente a asa direita deu um tranco como se fosse abrir e voltou à posição de repouso, como num tique nervoso. A cerveja geladinha desceu refrescante e nos olhamos com o desprezo que nos era merecido.

— Que porra de bicho é você?

Lembrei-me da famigerada *deep web*, o velho oeste da *internet*, a terra virtual sem lei. Sorri para o bode-homem-demônio e, sem esperar uma recíproca, peguei um monte de pacotes de batata frita no armário, outro monte de cerveja, coloquei-as em um balde cheio de gelo e água gelada e voltei para

o computador. Dei uma passeada pela sordidez daquele mundo, achei algumas coisas parecidas com o que queria, mas nada que fizesse referência à carantonha escrota de bode-homem sem chifres. Fiz perguntas em alguns fóruns pequenos e recebi muitas respostas; nenhuma relevante.

Entre em outro fórum de discussões que me pareceu mais do ramo do ocultismo de verdade e perguntei sobre a imagem do homem-demônio-bode que estava ao meu lado, coçando o cadáver de seu pinto e fazendo barulho de guarda chuva por causa do tique nervoso da asa direita. Recebi uma tempestade de respostas, nenhuma satisfatória, embora parecessem mais embasadas, mas nada que me indicasse um caminho. O dia já havia amanhecido fazia tempo e eu ainda estava na frente do computador e, é foda, mas comecei a ficar com uma certa pena daquela besta. Estava esgotado e precisava dormir, fui me equilibrando até a cama e ele ficou olhando para o monitor e seu tique nervoso fazendo barulho.

Tive a impressão de ter dormido por dois dias, acordei com dor de cabeça, um puta gosto ruim na boca, sentindo cheiro de chorume e a bexiga explodindo. Eu já estava me sentindo à vontade com aquele bicho feio a ponto de falar com ele, mesmo sem obter resposta, nem ligava mais para o impregnado odor de aterro sanitário. Lembrei-me do *Besatt* tocando “*Ave Master Lucifer*”, a escuridão engolindo o palco, as luzes piscando muito rápido e aquele bode-demônio-homem abrindo as asas e se levantando, imponente, um gigante naquele momento. Seria ele o próprio Lúcifer? Balancei a cabeça em negativa, sorrindo de canto de boca, achando engraçado tal pensamento esdruxulo.

Resolvi fazer mais uma tentativa de encontrar algo na *deep web* e assim que liguei o computador, acho que cliquei sem querer no *OutLook* que abriu como num passe de mágica um e-mail. O remetente me chamou a atenção: besatt@lucifer.hell, sem assunto, apenas com um link enorme, cheio de letras, números, pontos, barras, *under lines* e que me levou a um texto apócrifo escrito em português numa página sem *links*. Quando terminei de ler, olhei para a sua cara de bode-homem e ele, para a minha cara de esgotado.

Copio e colo aqui o texto:

“Lúcifer era um anjo de retidão em suas ações, lutando para proteger a criação mais perfeita do Senhor Deus: o Homem. Seu nome significa “Portador da Luz” e sua alada presença transmitia esperança ao coração aflito e inseguro do Homem em construção. Seus quatro irmãos, Miguel, Rafael, Gabriel e o agressivo Metatron, perdiam prestígio entre os imaturos homens e mulheres por destilarem seus traços de personalidade autoritária, sarcástica e violenta sobre os pobres seres inferiores. Lúcifer estendia a mão estrelada a todas as pessoas, sem olhar a quem, e em resposta os homens e mulheres evoluíram a outro nível de suas existências, sendo capazes de nutrir um sentimento puro e até divino por ele: gratidão. Os irmãos, liderados por Miguel, solicitaram ao Senhor Deus que recrutasse o anjo Lúcifer para outros projetos e os deixassem cuidar do aperfeiçoamento e evolução do imperfeito Homem; pedido este que foi negado. Os zangados anjos mudaram de estratégia e Lúcifer fora caluniado de modo veemente e reiterado em meio aos homens e mulheres, e estes retiraram sua gratidão em relação ao anjo injustiçado, retrocedendo assim a seu estado anteriormente primal, sem qualquer elaboração em seu entender. O Senhor Deus, talvez sobrecarregado em sua onipotência, deixou instruções para a formação de um conselho entre os anjos de sua confiança, os irmãos de Lúcifer, para que julgassem o caso e tomassem as divinas providências cabíveis. Surgiu nesse momento o conceito de bode expiatório, pois Lúcifer fora julgado e sentenciado a ser queimado juntamente com um miserável bode, símbolo da imprestabilidade, a fim de que se fizesse patente a sua real valia. O que os algozes sagrados, embriagados por vapores sedutores com fragrância de ira, avareza e estupidez, não se deram ao labor de se lembrarem que um anjo não morre queimado e um bode não é tão imprestável assim, pois sem ele não haveria cabra e sem cabra, eles, os divinos anjos não poderiam tomar banho de seu leite a fim de para manterem-se puros. Mas o Portador da Luz, enquanto a estrela Mercúrio brilhava no céu, levantou-se de seu túmulo de cinzas ostentando repugnante semblante de anjo-homem-bode, quebrou os frágeis e inúteis chifres calcinados e exilou-se nos insondáveis domínios da escuridão.

Desde tal remota época, quase no infinito passado, ele é conhecido como um anjo caído na desgraça, que se rebelou contra a divindade do Senhor Deus e semeia a perdição nos corações dos homens fracos de interpretação e força de vontade, pois atendendo aos seus chamados primevos, Lucifer, envolto em véu bordado em fios maléficos e tecido pelo tear de sua própria degeneração, surge cavalgando pela estrada de fogo dos três tons e duas notas, seu horrendo cavalo Diabolous in Musica.”

Encarei-o olho no olho. Perguntei se aquilo era verdade e como resposta, apenas o espasmo de sua asa maltrapilha. Continuei encarando-o de perto e nada acontecia naqueles olhos parados de bode. O relógio: marcava três horas da madrugada, coloquei a mão no seu ombro ossudo, de pele repugnante, e falei para ele:

— Sinto muito... — eu estava sendo sincero.

O anjo-bode-homem continuou na minha frente com os olhos inexpressivos, assemelhando-se a uma gárgula. Seu único sinal de vida era o tique nervoso na asa.

Aquele anjo carregava uma história e experiência de respeito.

Foi então que o ex-Portador da Luz, aquele que desrespeitou minha chefe, a vó Luíza, minha namorada e o meu melhor amigo, esse homem-anjo-bode-demônio, esse anjo injustiçado, esse bode expiatório, sumiu imerso na escuridão que engoliu meu quarto, levando consigo seu cheiro de chorume e seus olhos inexpressivos, deixando para trás em meu âmago as raízes de um ódio veemente contra a injustiça.

FIM

Bad Trip

Por: **Leonardo Duprates**

O Autor:

Leonardo Duprates é escritor de contos de terror e ficção científica. Membro do Maldohorror (Coletivo de Escritores Fantásticos e Malditos) e autor de contos publicados em antologias das editoras Lendari, Coerência e Anansi Books.

Nascido em Sapucaia do Sul (1987), Rio Grande do Sul, é também desenvolvedor de software, compositor e baixista.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

Um clarão quebra a escuridão do quarto seguido pelo estrondo de um trovão que faz a janela de PVC do apartamento tremer. Congelo por alguns segundos, cerro os olhos com força tentando lembrar onde estou, que dia é hoje e quanto tempo estou dormindo? Mas só consigo aumentar a dor de cabeça, provavelmente o resultado de mais uma ressaca. Quero levantar, mas não consigo me apoiar, o meu braço direito está dormente. Espera aí! Quem é essa guria deitada aqui? Parece uma mocreia. Empurro a cabeça para tentar

reanimar o meu braço. Que loucura! Tenho que parar de usar ácido, o barato está indo longe demais. Sento na cama e fico massageando o braço morto até que começo a sentir um formigamento e lentamente consigo voltar a mexer a ponta dos dedos. Escuto uma voz de homem. Fico chocado! A moçreia não é uma mulher. Eu me viro torcendo que seja só um flashback causado pela alucinação, mas a vejo, ou melhor, o vejo arrumando a peruca loira e tocando os seios artificiais. A essa altura já consigo colocar as duas mãos na cabeça em sinal de desespero e pergunto quem é ele, ou ela, ou diabos queira ser. A resposta sai sensual e aveludada: — Larissão!

A pergunta é recíproca e respondo calmamente com a voz rouca: —Prazer, Bodão! — Para quem não me conhece, não passo de uma figura excêntrica, sou descendente de africanos e devo estar pesando uns cento e trinta quilos. Me visto só com os melhores ternos importados e o meu sapato está sempre um brilho, faço questão de engraxar todos os dias na praça da Rua da Praia. Aos dezoito anos me tornei um dos mais promissores trompetistas de Porto Alegre, aos vinte e dois um viciado em álcool, ácido lisérgico e sexo, aos vinte e seis já tinha cometido todas as gafes possíveis e aos trinta anos me tornei uma persona non grata em todos os bares e casas noturnas da cidade. O que me restou? O empreendedorismo. Iniciei meu próprio negócio focado em logística, sou importador de selos, especializado no transporte da fronteira do Paraguai até Porto Alegre. Pelo amor de Deus, não me diz que tu pensou em cartas, correspondências e correios? Selo é o codinome para o papel onde é mergulhada e seca a solução de LSD. Barato doido, meu rei! Dei a volta por cima com os negócios, recuperei todo o meu carisma, voltei para a alta sociedade de Porto Alegre e hoje toco nas melhores bandas de blues da cidade.

Mas o meu produto é forte, é puro e ainda vai me matar, vê só essa parada com a Larissão, fodeu! Conheci ela na avenida Farrapos e a convenci a entrar de mula em um transporte para Amsterdam, não sou traficante internacional, mas tenho um presente que pretendo enviar para meu melhor amigo e blues man Ginga Boy que mora na Holanda há dez anos. Depois

disso ela se encostou por aqui e agora parece que a coisa esquentou. Mas voltamos ao que interessa, o que diabos aconteceu? Fico alguns minutos falando sozinho tentando reconstruir meus últimos passos, mas nem sequer sei por onde começar. Procuro a Larissão, quem sabe ela lembra de tudo e me abrevia a angústia, a encontro no banheiro escovando os dentes, de costas vestindo só uma calcinha de renda roxa atolada na bunda, até que ela é jeitosa. Pressiono o disjuntor e nada de luz, sento no vaso sanitário e começo um interrogatório, mas ela também não se recorda de nada e fica viajando completamente sequelada. A pobre garota deve pesar uns cinquenta quilos e ainda está sob efeito da droga. Termino o serviço no vaso e despacho o pacote para o DMAE. Visto o meu paletó vermelho rubi, coloco a mão no bolso e encontro uma caixa de palitos de fósforos, era do Bar do Chinês. Um flashback me traz à tona uma lembrança curta e confusa, um balcão de vidro repleto de adesivos desbotados colados de forma negligente um sobre o outro, pego um copo com pinga e escuto a voz de Larissão, a memória se dissolve e não vejo mais nada, tudo parecia acontecer no mesmo bar da caixa de fósforos.

Desço as escadas e vejo, através das janelas basculantes, o céu bordo, com os contornos das nuvens iluminados pelos relâmpagos. Algo muito sinistro acaba de acontecer, provavelmente um temporal que levou a luz elétrica embora pelo breu que o prédio inteiro está. Passo pela portaria e nem uma viva alma, nem um único ruído, conversa ou sirene, tenho a sensação que vou sair em meio a um campo completamente isolado, e não em Porto Alegre. Piso na calçada e sinto meu sapato preto piano afundar em um barro negro com cheiro de estrume. Ver meu lindo pisante ser mergulhado naquele chorume me tira a paciência, volto a tatear os bolsos e acho uma dose de uns cinquenta e cinco microgramas de LSD, o selo tinha impresso a foto da Cicciolina, repouso a droga na ponta da língua e pressiono contra o seu da boca. Delícia! Em dez segundos já dou risada da camada de chocolate suíço que lambuza meus sapatos de couro cintilante. Olho para os lados e já identifico onde estou, não precisamente, mas certamente na Avenida Farrapos, onde mais eu poderia estar, só pela minha companhia e pelo tipo de

acomodação que eu estava já deveria ter percebido que não podia estar na Padre Chagas. O caminho está deserto, por onde anda os cafetões e as garotas de programa da rota romântica da cidade? Vago pela penumbra em direção ao centro, no caminho fica claro que uma chuva muito forte ou uma bomba nuclear havia dizimado a cidade, provavelmente todos haviam morrido. Alucino por um momento, o ácido está queimando minha massa cinzenta e meus pensamentos estão se misturando com a fantasia, preciso me concentrar na realidade.

No horizonte vejo uma Variante de cor azul bebê vindo na contramão, o carro pisca a luz dos faróis fazendo um sinal e continua até parar lentamente ao meu lado. O motorista se esforça muito para girar a manivela que desce o vidro para começar um berreiro em espanhol gesticulando muito com as mãos para fora do automóvel. Discordo dele categoricamente, digo que os Croatons não dominaram a República Cisplatina sem antes conhecerem a fúria da armada Farroupilha. Volto a caminhar, na verdade a marchar, cantando o Hino Rio Grandense em coro com uma multidão eufórica que balança fitas verdes, amarelas e vermelhas nas janelas dos inferninhos da velha avenida. O carro arranca ferozmente subindo a calçada, o motorista sai e empurra o banco para frente fazendo sinal para que eu entre no banco de passageiros. Solto um bufo e reluto, enfim não sou uma dama para receber tanta gentileza de um nobre paraguaio. Outro homem desce do carro vestindo bota, bombacha, guaiaca com um revólver prata, colete e camisa, o Gaúcho. Nitidamente mais velho e experiente que o outro homem, puxa um lenço vermelho e enxuga o suor do rosto fazendo sinal para que o homenzinho castelhano me agarre e me coloque a força para dentro do carro.

Levanto as mãos acenando minha rendição e com classe me aconcheio no banco de couro branco, segurando no puta merda e me limitando a aproveitar a brisa que entra pela janela do motorista. Pelo canto dos olhos observo o Gaúcho na frente sentado no banco de passageiro e o motorista me observando pelo espelho retrovisor. Eles aguardam ansiosos que eu inicie a conversa, como se eu devesse uma explicação, mas não sei exatamente o que

eles querem saber. Minha cabeça parece um tornado girando entre a realidade e a fantasia, desordenando meu bom senso. O efeito do ácido está perto de alcançar o teto e quando isso acontecer vou encarar a sétima efervescência. O Gaúcho, velho conhecido, era agente federal de fronteiras no Paraguai e facilitava a entrada de entorpecentes, até que o chefe do cartel paraguaio caiu em uma emboscada e foi fuzilado pelo cartel brasileiro enquanto atravessava pela Ponte da Amizade. O El Cholo Loco, como era conhecido, só atravessava a fronteira quando o Gaúcho garantia a proteção, nesse dia ele vendeu o chefe do tráfico paraguaio e se exilou em Porto Alegre comandando o próprio cartel. Eu não sou seu atravessador, mas quando a Polícia Federal Brasileira aperta o cerco na fronteira acabo tendo que revender parte do bagulho que ele importa para manter os meus clientes fidelizados. O carro continua em alta velocidade pela escuridão, não havia nenhuma luz acesa na cidade e isso estimulava ainda mais a minha imaginação. O Gaúcho começa um discurso acalorado, uma mistura de português e espanhol que confunde minha mente permitindo que eu consiga só entender em uma parte do que ele disse: — Te gusta las Cicciolina y me gusta el dinero. Donde esta la plata?

Fechei os olhos e a lembrança de um motoboy do cartel do Gaúcho me entregando uma caixa de pizza repleta de drogas vem a memória, ela se dissolve novamente em meio a uma névoa verde e quando abro os olhos vejo o Gaúcho se contorcendo no banco da frente. Parece que ele está sendo acometido por um ataque epilético, mas sua pele começa a criar bolhas que explodem expondo a carne viva de seu corpo, os olhos perdem a vitalidade e ficam completamente brancos enquanto todos os orifícios expelem um líquido cinza, o pobre traficante urra tentando se livrar do cinto de segurança. Eu observo tudo com pavor, penso em quebrar o vidro da janela para pular do carro, mas enxergo a mesma névoa verde cada vez mais densa na rua. Agora tudo está claro, era questão de tempo mesmo, a cidade estava em meio a um apocalipse zumbi, provavelmente algum produto químico havia sido despejado no Guaíba e reagido gerando aquela névoa mortal. Um espírito heroico toma conta do meu corpo e olho fixamente para a guaiaca procurando o revólver que havia visto há instantes, com um golpe certo puxo a arma e

a engatilha disparando um tiro contra o pescoço do Gaúcho zumbi.

O motorista, que a essa altura também já tinha se transformado, bate a lateral do carro em um poste de concreto e perde o controle, fazendo-o deslizar em círculos pela rua até parar bruscamente. Fico alguns segundos desorientado, a sequência foi tão alucinante que vomitei todo o interior do automóvel. Quando retomo completamente a consciência sinto um impacto, acompanhado de um estouro, que arremessa o carro para cima com violência, o poste no qual batemos acaba de cair sobre o capô. A situação não é boa, para sair terei que passar para a frente do carro através do estreito espaço entre os bancos, missão nada fácil para quem pesa cento e trinta quilos. Me espremo e consigo sair do carro, me certifico que os vidros e as portas estão fechados, não quero que as bestas assassinas saiam facilmente. Retorno a caminhar, mas agora no centro em direção a Cidade Baixa, em alguns minutos alcanço a avenida Borges de Medeiros, paro sob o viaduto para contemplar a vista e vejo centenas de vermes gigantes saindo do esgoto através dos bueiros, se arrastando pela avenida. Uma repulsa toma conta do meu corpo, procuro uma solução para acabar com aquelas aberrações e saca o revólver, disparando os cinco tiros restantes no tambor contra aqueles corpos moles e alongados. O barulho dos disparados dispersa as pragas e vejo apenas um dos animais caído morto no chão. Sinto ter cumprido com méritos meu dever cívico limpando as ruas daquelas pragas, antes mesmo de inflar meu peito com orgulho, uma dor intensa rasga meu cérebro, coloco minhas mãos sobre meus olhos esfregando-os com força.

A dor me traz à tona para a superfície da realidade e, confuso, me ponho a olhar novamente para avenida, mas desta vez só vejo pessoas caídas, feridas e outras correndo tentando se abrigar. Deus me perdoe, o que foi que eu fiz? Uma mulher se esvaia em sangue sobre o meio fio, minhas alucinações me levaram longe demais. Um grupo de homens na rua abaixo do viaduto apontam em minha direção e juram a minha morte, preciso fugir daqui antes que me peguem.

Sem condições de fugir, afinal sou um homem obeso com a vitalidade de

um velho de setenta anos, corro cambaleando e forçando as entradas dos prédios em busca de um abrigo. A porta de um velho casarão se abre com o peso do meu corpo e caio para dentro sobre um chão de mármore cinza, fecho a porta com o pé e fico quieto torcendo para que ninguém tenha me visto entrando. Escuto um grupo caminhar lentamente pela rua a minha procura, mas passam e o silêncio aos poucos toma conta do lugar. Transtornado com os meus atos, resolvo esperar, na casa, o efeito do ácido passar. Subo lentamente uma escadaria, evito fazer qualquer ruído, não quero ser descoberto pelos moradores. No patamar da escada encontro uma grande sala iluminada com velas, o chão é de madeira envernizada e as paredes e o teto branco. No centro da sala uma grande mesa e sentada na ponta está uma bela mulher de cabelos longos e negros, pele morena, lábios carnudos e o corpo coberto com uma bata feita de um fino algodão transparente, através do qual, consigo ver, mesmo a distância, seus belos seios.

Fico hesitante em continuar e quando resolvo dar meia volta e ir embora, ela me convida para sentar, sinto meu corpo arrepiar. A voz da mulher é suave, compenetrante e me seduz imediatamente, quando percebo já estou sentado à sua frente. Com a mão esquerda ela coloca um baralho de cartas grandes sobre a mesa e com a mão direita ela desenha na madeira cor café um risco com um giz branco. Ela corta o baralho começando a embaralhá-lo enquanto resmunga uma sequência de palavras que parecem grego ou uma língua perdida no tempo. A mulher larga as cartas formando um leque, em seguida leva o indicador até os lábios o umedecendo e retira a primeira carta. É Ftono, deus da cobiça, ela a coloca no início da linha de giz. Alguns segundos se passam enquanto a mulher olha fixamente para a carta. Parecendo satisfeita ela puxa a próxima, desta vez é Vênus e como a anterior ela arrasta a carta e a coloca junto a linha. Com os olhos fechados, passa a mão sobre o baralho e escolhe a terceira, agora é Ares. Ela puxa a carta virando-a para eu observá-la e coloca junto às outras. Sobram apenas duas cartas, a mulher escolhe a primeira e descarta a outra. Gargalhando, ela arrasta a última carta até o final da linha, mas não vira. Um pavor domina o meu corpo e sinto a mão da morte repousar em meu ombro, empurro a cadeira

para trás e me viro procurando a saída, mas ela não existe mais. Confuso começo a andar pela sala tateando as paredes me certificando que são reais e num ato de desespero caminho até a mulher que continua gargalhando com a minha atuação tragicômica. Eu me ajoelho e pego em sua mão, suplicando para que me liberte daquela alucinação demoníaca, mas ela ordena. – Sente-se Bartolomeu, vamos descobrir se hoje é seu dia de sorte. O risco branco desenhado na mesa representa o destino que só pode ser percorrido uma única vez. O que significa que os atos desta vida não têm volta, no dia do julgamento todos estarão lá para depor contra você. Vamos ver o que as cartas nos contam – continuou. – Sim, Ftono o deus da cobiça, você pegou o que não é seu e não devolveu isso traz consequências. Depois temos a minha preferida – disse tocando na segunda carta. – A onipotente Vênus, deusa do Amor, sinto luxúria, o desejo da carne, sexo e depravação, você é bem safado rapaz. Agora, o implacável Ares, a guerra, você infligiu o conflito levado pela cobiça e pelo amor e causou a desgraça para aqueles que confiaram em você, mau muito mau. Chegamos no final da linha, descobriremos agora o seu futuro. – Ela leva as delicadas mãos até a carta e a gira largando sobre o final da linha, é Hades, o deus da morte. A última lembrança emerge do abismo da minha mente e se conecta com todos os flashbacks formando uma única lembrança. Enfim, relembro de tudo o que aconteceu.

Na noite anterior marquei um encontro com o Gaúcho no Bar do Chinês, a espelunca era tão mal frequentada que não levantaria nenhuma suspeita. O objetivo, fechar uma transação de oitenta mil reais em ácido. O Gaúcho não vai, mas envia um dos seus capangas que entrega o pacote em uma caixa de pizza. Deixo vinte mil adiantando e o resto pagaria depois da venda, mas a coisa vai de mal a pior. Começo a tomar um trago no bar com um travesti, o Larissão e tomamos uma, duas e três dozes de LSD, ficamos completamente doidões dentro do bar e começamos uma baderna até sermos expulsos da espelunca. Seguimos até um inferninho na Farrapos e fechamos a casa promovendo um bacanal regado a LSD. A droga que deveria me render uns duzentos mil sem os encargos do Gaúcho se vai com putas e travestis em uma festa enfeitada com papel crepom e balões brancos.

– Veja bem rapaz, a morte não significa o fim da linha e sim o recomeço e está na hora de você cumprir o seu carma. –A bruxa pega o pedaço de giz e espreme com a mão o transformando em pó e assopra contra o meu rosto, eu levo as mãos na altura da cabeça e fecho os olhos. Um clarão quebra a escuridão seguido pelo estrondo de um trovão que faz o lugar tremer. Congelo por alguns segundos, cerro os olhos com força tentando lembrar onde estou, que dia é hoje e quanto tempo estou dormindo? Quero levantar, mas não consigo me apoiar, o meu braço direito está dormente.

FIM

Carnaval de Sangue

Por: **Fernanda Miranda**

O Autor:

Sou a antítese do paradoxo com períodos de instabilidade e premissas de incerteza... Possuo interesse em mitologias e histórias em geral — bem contadas, ou simplesmente contadas com alma...

Contato: [E-mail](#)

Conto:

Quase madrugada, Eliana caminhava por uma estranha rua totalmente às escuras. De repente tudo ficou parcialmente claro. A moça sentiu um vento calmo e frio que lhe fez gelar o sangue.

Logo sentia que não estava sozinha. Começou a ouvir passos, enquanto andava bem próximo a um muro. Olhou para trás e viu um homem que caminhava na mesma calçada.

A garota estremeceu, então parou e encostou no muro. Quando o homem se aproximou ela prendeu a respiração. Ele passou sem olhar para ela, que sentiu-se aliviada.

Porém o alívio durou pouco. Quando o homem chegou ao fim da parede de tijolos algo o deteve, como se saísse de trás do muro. E com uma enorme foice o decapitou repentinamente.

Ao ver aquela cabeça rolando pelo chão e todo aquele sangue, Eliana deu um agudo grito. Olhou para quem segurava a foice e notou apenas o rosto branco e opaco ao sair correndo em desespero.

Logo sua prima Sabrina tentava acordá-la, ao ver que Eliana chorava e gritava de olhos fechados.

— Sabrina, eu vi! Ele perdeu a cabeça!

— Calma! Não foi nada. Só um pesadelo! — a outra moça afagava a prima, que parecia em choque ao abrir os olhos.

— Mas parecia tão real!

Sabrina abraçava Eliana com preocupação. A prima chegara de longe antes dos feriados do mês de fevereiro. Não apreciava a data, e viera para a cidade de interior na tentativa de fugir de tudo o que aquela época do ano lhe suscitava.

Naquela manhã de Carnaval, Sabrina preparava o café enquanto sua hóspede se sentava à mesa. O rádio ligado na cozinha parava de tocar marchinhas para informar uma notícia de última hora — um corpo decapitado havia sido encontrado no bairro vizinho.

— É ele! Eu tenho certeza!

— Calma, Eli! Deve ter sido só coincidência...

##

Naquela mesma noite alguns pequenos blocos populares desfilavam em volta do coreto montado na praça central do bairro.

Tobia e Fátima haviam se destacado da pequena multidão e namoravam

em um canto deserto, distante. A garota sentiu incômodo e cessou os beijos quando via nitidamente que o moço queria bem mais.

— Eu acho melhor voltarmos...

— Que é isso, gata! Vamos aproveitar a festa...

— Sim...A que ficou naquela direção! — A jovem, fantasiada com orelhas de gato feitas de pano no alto da cabeça, apontava para a direção de onde o som da música ainda podia ser ouvido apesar da distância, e sorria nervosamente.

O rapaz, com a cabeça enfeitada por chifres de diabo feitos de plástico, ainda tentou forçar a moça a ficar de maneira abusada, prendendo os braços dela. Fátima não gostou nem um pouco e se desvencilhou empurrando com força...

— Que é isso!? Eu disse NÃO!

— Como assim, gata? Não me leve a mal...É Carnaval!

— Não teve graça! Fica aí sozinho com tuas terceiras intenções e rimas idiotas!

Tobia ainda tentou puxa-la de volta, mas Fátima deu-lhe um forte chute nas partes íntimas e se afastou o mais depressa que pôde, antes que ele tentasse alcançá-la.

Tentando se escorar na parede o moço fechou com força os olhos e ainda cuspiu alguns palavrões, inconformado e gemendo de merecida dor.

Quando abriu as pálpebras planejando ir embora viu uma figura encapuzada bem próxima a si, parada, Assustadoramente parada e silenciosa. Com algo que parecia uma foice um tanto realista demais em uma das mãos.

Não podia ver-lhe a face para saber se era um conhecido. Mas fosse quem fosse naquele momento, Tobia não estava para brincadeiras e franziu o cenho. A voz saiu irritada e sarcástica...

— Quem é você idiota!? Quem você quer assustar com esta fantasia?

Saia da minha frente...

Antes que o rapaz dissesse mais alguma coisa, o encapuzado levantou a foice e deu um golpe certo em seu pescoço, fazendo sua cabeça voar metros à frente.

Na mesma hora Eliana se encontrava no sofá, quase em transe frente aos desfiles das escolas de samba de sua cidade de origem, transmitidos pela televisão. Sua mente contudo havia se desviado por alguns minutos...

E quando de repente Eli soltou um grito, a prima Sabrina tremeu inteira ao seu lado e largou a revista que lia, tombando-a devido ao enorme susto... Eliana já desandava a falar sem parar e ainda ofegando.

— Ele tinha um roupão escuro com capuz...

— Do que você está falando, Eli?

— Usava uma máscara branca...E matou alguém com foice!

— Calma... Você está delirando, Eli...

Sabrina olhou para a TV. Suspirou e continuou com tom descontraído...

— Olha só! Fica tão ligada nestas alegorias estranhas que dá nisso... Você não veio para cá esquecer de que é Carnaval? Fica assistindo isso...

— Não tem nada haver com a TV, Sabrina! Você sabe bem que não é tão simples... E é bem real!

— Eliana, não! Você veio passar uns tempos aqui para deixar tudo isso bem longe... Acabou!

— Não, Sabrina! Sei que não acabou...

##

Enquanto isso César caminhava alerta pelas ruas daquela cidade aparentemente pacata. O psicólogo criminal chegara ali naquele mesmo dia e

estava hesitante.

Viu de longe numa praça uma pequena multidão vestida com fantasias e festejando. Apenas passou rapidamente, pois nunca fora de apreciar os festejos daquele feriado nacional, ao qual julgava sem sentido.

Em uma das ruas adjacentes uma garota com orelhas de gato na cabeça esbarrou nele ao passar correndo, dando-lhe um breve susto e se assustando de volta.

O psicólogo pensou aborda-la e perguntar-lhe algo, pois achou sua atitude suspeita. Contudo ela logo se misturou à pequena multidão, fazendo-o desistir.

Cesár achou melhor não fazer alarme para não causar o pânico coletivo, ou até mesmo ser novamente visto como piada. Como fora naquela mesma tarde numa delegacia, ao tentar informar à polícia local que “a morte havia chegado naquela cidade”.

##

— Eli, por favor... Eu sei que é difícil... Mas precisa seguir em frente!

Eliana cobria o rosto com as mãos e chorava. Sabrina tentava não acompanhar seu excesso de drama, para não alimentar tal atitude que julgava nociva. Mas passava uma das mãos na cabeça da prima enquanto falava com firmeza...

— Eli, o teu irmão está morto! Sei que toda esta história de um assassino na família é bem difícil, mas...

— De que adianta falar com você que ele veio atrás de mim...?

— Pare com este choro! Isto só te faz mal! Ninguém poderia sobreviver àquele incêndio...

— Não sei como, mas ainda sinto o nosso laço, Sabrina... Ainda vejo

quando ele mata... Como eu sempre via antes!

— Não! Você só está impressionada... Teve um pesadelo e soube que algum bandido decapitou alguém... Sim, é algo horrível! Mas deve ter sido briga por tráfico de drogas...

— Não, Sabrina... Eu sinto! Eu sei que é ele! Estava no outro bairro... Mas já chegou neste! Ele só mata nesta época... Neste maldito feriado!

— Prima, se acalma! Você só está impressionada! Sabe que não tem nada haver com o Guilherme! Ele está morto! Foi a notícia de ontem, e a data da morte dele... Já faz um ano...

— Amanhã! Vai fazer um ano amanhã! E esta noite foi na praça daqui que ele matou...

— Se acalma... Olha, vou fazer um café para você...

##

Neste momento César apertava a coronha do revólver escondido na cintura, quando ouviu um grito não muito longe...

Apesar de sentir o medo percorrer todo o corpo, o psicólogo correu para o local, metros à frente, deixando para trás a algazarra na praça próxima que ainda prosseguia.

Ao se aproximar viu um grupo de moças que corriam ao longe, horrorizadas em direção ao final da rua, e contemplou trêmulo o motivo a seus pés...

Pois ali jazia um corpo decapitado próximo a uma parede, e no meio fio a cabeça com chifres que naquele cenário acentuavam o tom sinistro da cena, mesmo sendo apenas um acessório.

Quase soltou um grito ele mesmo, e engoliu em seco quando olhou para o chão e notou algo que se deixava revelar pela parca luz bruxuleante de um

poste...

Pois no chão da calçada ao lado do corpo sem cabeça estava escrito com sangue em letras grandes: ELIANA...

Talvez agora a polícia local lhe desse algum crédito.

##

Naquela noite Eliana parecia receosa ao tentar adormecer. Preferia ir cedo para a cama pois não parava de pensar nos assassinatos e no motivo pelo qual ela os vira... Por mais que Sabrina lhe tentasse tranquilizar, ela temia que algo acontecesse.

Era aniversário da morte de Guilherme... O assassino. Mesmo sendo sangue de seu sangue, era o irmão maldito. Mas com quem possuía uma misteriosa conexão mental desde que nascera. Via ou pressentia desde a primeira vez que ele matara.

Não aguentava aquilo, mas não havia desejado sua morte... Preferia crer que ele era movido por algum instinto mecânico ao matar, como sempre fora para tudo desde a infância.

O Carnaval fora palco de seus crimes por alguns anos em vida, e mesmo morto ele não lhe dava paz... Morto... Estaria mesmo seu irmão morto? Aquela palavra reverberava em sua mente enquanto ela tentava pegar no sono.

##

Sabrina navegava pelos canais da televisão com o controle na mão, mas parecia que todos exibiam quase a mesma coisa naqueles dias do ano. Até nos noticiários era como se nada de ruim acontecesse... Mas acontecia. Era como se toda falsa alegria perpetuada naquela época servisse para ocultar tudo de

sinistro que de fato acontecia.

A prima fora para o quarto e a deixara na sala. Melhor que dormisse, talvez assim esquecesse os traumas de seu sombrio passado. Com todas as luzes da casa apagadas a anfitriã quase dormia ela mesma, recostada ao sofá.

De repente o controle quase caiu de sua mão quando se sobressaltou com um barulho de alguém forçando a porta da frente. O sangue lhe gelou num instante. Ela desligou a televisão e correu para a cozinha pegando lá uma faca grande e afiada.

Caminhando pela sala com cautela sua mão tremia na faca, enquanto se movia cuidadosamente. O coração deu um solavanco quando constatou a porta já aberta.

— Quem está aí?

Ninguém respondeu. Apenas o vento soprou advindo da porta. O que fez gelar sua espinha, pelo medo... Quando tentou alcançar a soleira da entrada sentiu um nó na garganta e as pernas bambas ao encarar a estranha figura que se colocou diante dela.

Soltou um grito alto e tentou usar a faca para se defender... Mas antes de sequer esfaquear o invasor, tal como a morte em pessoa ele ergueu a foice. Em segundos a cabeça de Sabrina rolava no tapete da sala.

No mesmo instante Eli acordava chorando, e já sabia o que havia acontecido. Levantava da cama tentando alcançar o abajur, mas tombou-o pelo nervosismo e o cômodo continuou mergulhado na escuridão.

Sem nada enxergar buscava algo para se apoiar, quando a nítida sensação de não estar mais sozinha a fez congelar. Até sua respiração parecia ter parado, pois a presença do irmão lhe ficara tão próxima que sentia poder tocá-lo no escuro... Ouvia apenas o som da respiração dele próxima...

Porém repentinamente a luz invadiu o quarto, e tiros puderam ser ouvidos... Guilherme, ainda vestido de morte com sua máscara branca inexpressiva, foi atingido nas costas e tombou aos pés de Eliana.

Cesar adentrou o quarto correndo, enquanto a moça ainda tentava entender o que acontecia. As vozes dos policiais já podiam ser ouvidas por toda a casa, enquanto o psicólogo já tentava conduzir a moça pela porta. Ela o reconheceu imediatamente e sabia que, como ela, ele também estava longe de casa por causa de Guilherme.

Eliana contemplou uma última vez o corpo do irmão de braços ao lado de sua cama, e lágrimas lhe escorreram. Já no corredor o homem parou-a, antes que ela prosseguisse em direção à sala...

— Eliana, espere! Há algo que é melhor você não ver...

— Sabrina... Ela está?

O homem lembrou do corpo feminino decapitado na sala e confirmou com a cabeça, numa expressão de pesar... Havia achado a casa certa exatamente porque os vizinhos haviam fornecido os nomes das duas moças... Moradora e hóspede...

Enquanto Eliana recostou-se à parede aos prantos, César por garantia deu outra espiada para dentro do quarto... O que ele viu o alarmou. Pois o corpo do desgraçado, cujo caso o impressionara tanto ao ponto de largar sua cidade natal para segui-lo, já não estava mais lá...

— Se foi! Ele fugiu! O maldito se foi!

Cesár sabia estar diante da irmã do “maldito” que mencionava. Mas falava no calor do momento, e aquilo seria o que menos importava. Pois a única certeza relevante era que em algum lugar fora dali uma figura vestida de morte continuava a rondar, para levar o terror à outros carnavais.

FIM

O Relógio de Parede

Por: **Ana Rosenrot**

O Autor:

Ana Rosenrot de Jacareí – SP, é escritora, cineasta e ativista cultural. Já teve trabalhos expostos no Consulado Brasileiro da Suíça e no Principado de Liechtenstein, integrou antologias nacionais e internacionais e recebeu vários prêmios literários. É criadora e editora da Revista LiteraLivre.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

As batidas compassadas do relógio a marcar as horas, tão vigorosas e constantes, contrastam com as de meu coração, que a cada minuto se torna mais fraco, alertando que meu fim será breve.

Nesta triste e velha cama de hospital, o melancólico relógio que se destaca negro e acusador na cama à minha frente, infelizmente é a única companhia que me resta nesses tristes instantes de agonia e dor.

Abandonado por todos que falsamente diziam me amar, me deixei abater pelos problemas, ficando à mercê de conflitos e desafios que pouco a pouco flagelaram meu corpo e minha alma. Logo já não conseguia me alimentar e em menos de um mês meu coração demonstrava indícios de parada

prematura; não me importei devido ao enfraquecido estado de espírito em que me encontrava e também não fui capaz de admitir que houvesse me tornado um viciado nojento, não conseguia enxergar meu estado mental confuso nem meu corpo cadavérico.

Hoje, largado nessa cama de hospital, sinto falta do nada que deixei para trás, anos e anos de vida inútil, pessimamente aproveitada; estou agora prestes a terminar na solidão total de um leito enferrujado; somente as batidas do relógio acompanham meu sofrimento e vigiam meu sono perturbado.

As horas vão passando, a morte está cada vez mais perto, posso senti-la em meu sangue; sei que tudo estará terminado antes das doze badaladas e ela já está aqui, posso vê-la como um ser palpável, o sopro frio e as garras afiadas da dama das trevas tocando minhas carnes, o fim vazio que tanto temi durante a vida se concretiza e eu estou sozinho, lamentando o triste destino que busquei para mim mesmo, tantos anos perdidos na desesperada busca por dinheiro, fama e poder. Obtive tudo o que ambicionei passando por cima de todos que cruzaram meu caminho, roubando, enganando e sempre mentindo; mas de tudo o que consegui, só me restou o suficiente para pagar um tratamento digno de um mendigo; queria tanto me curar para ter outra chance, para poder fazer tudo diferente.

As badaladas parecem aumentar seu ritmo a cada segundo, ou será meu coração galopando em direção ao fim? Desesperado grito por socorro, mas parece não existir no mundo alguém que possa me ouvir, meus sentidos estão se tornando lentos, meu cérebro lateja, não consigo respirar, sei que meu corpo miserável está partindo.

Sinto um medo sufocante, um aperto no peito e uma dor dilacerante, minhas ilusões se acabam neste instante de completo desespero, um turbilhão de visões bizarras habitam minha mente, seres negros como a noite gargalham mostrando sangrentos dentes afiados. Eles estão aqui para me levar para a escuridão eterna, não consigo enxergar direito, somente a imagem do relógio de parede permanece, enquanto minha alma está prestes a abandonar sua sofrida morada, ele soa alto, assustador, em funestas badaladas.

Banhado de suor, com a sensação de morte ainda presente, acordo assustado, estou no meu quarto, o coração aos pulos, minha cabeça está doendo terrivelmente, meu estômago se revira em náuseas, chego a esquecer que tudo foi somente um sonho e fico um bom tempo imóvel, com medo de sair da cama, um estranho pavor de estar realmente morto neste quarto tão escuro, onde só posso ouvir o badalar do relógio.

Respiro fundo, abro bem os olhos e percebendo que o dia amanhecera já há algum tempo, levanto rápido, cambaleando, resolvido a dedicar este e todos os dias que restam de minha vida a efetuar mudanças radicais e evitar a qualquer custo que este terrível sonho – ou premonição, ou pesadelo – possa tornar-se realidade, para minha total desgraça.

O chato é que eu sei que em no máximo meia hora já rierei deste sonho ridículo e cada vez mais repetitivo, será que esses pesadelos frequentes são um aviso? Um efeito daquelas pílulas que comprei na Colômbia? Não, acho que só preciso de um colchão novo, ou talvez de um relógio de parede silencioso.

De repente começo a me sentir estranho; ainda estou fraco, preciso me deitar mais um pouco...

Mas o que é isso? Tem alguém na minha cama?

É impossível, eu acabei de me levantar e nem sequer saí do quarto... Estou delirando, é isso... Vou chegar perto para ver melhor...

Puxo o lençol que esconde o rosto do “invasor” e vejo aterrorizado quem está na cama sou eu...Os olhos arregalados, a boca aberta...Estou morto!! Não, não pode ser! Preciso fazer alguma coisa, chamar alguém, ainda não deve ser tarde demais...

Meu Deus que gargalhada é essa? Quem são vocês...Me soltem...Não!! NÃO! NÃAAAO...

FIM

Delírio

Por: **Carina Trubat**

O Autor:

Carina Trubat é professora de inglês, português e literatura apaixonada pelo mundo das letras. Suas principais inspirações são Edgar Allan Poe, HP Lovecraft e H.G Wells.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

Luana dedilhava seu violino sem realmente senti-lo. Era só um treinamento para a apresentação da semana que vem. Quando a paixão se tornou algo banal? Quando tudo em sua volta parecia não fazer o menor sentido e passou a ser uma grande obrigação? Viver era uma obrigação.

Havia uma pressão em todos os lugares, começando dentro de si mesma, transformando em uma dor insuportável que a derrubava. Ela estava muito ferida, mas estas são feridas internas. Feridas na alma dificilmente cicatrizam. Como possuir um corpo físico íntegro se o seu conteúdo está em pedaços?

Sem muitas surpresas, os demônios que habitavam sua mente a perturbaram mais uma vez. Antes eles só vinham enquanto dormia, então

passou a ficar mais tempo acordada, agora eles passaram a atormenta-la mesmo com os olhos abertos. Seu momento de paz era um frasco na cabeceira da cama receitado pelo seu psiquiatra que a deixava tão entorpecida, que o que havia dentro dela não podia tortura-la.

O treinamento acaba e ela deixa seu violino no sofá antes de pegar uma taça de vinho. O silêncio da casa grita o que ela não quer ouvir. Os degraus da casa fazem barulho sob seus pés, enquanto segura a taça em uma mão e a barra da camisola com a outra em direção ao seu quarto.

Lá está o frasco de remédio. Parecia gritar pelo seu nome e prometer breves momentos de paz. Era tudo o que ela queria no momento: paz. Deixou três comprimidos saírem do frasco, o triplo do indicado, e os engoliu seguidos por uma dose generosa de vinho.

Deitada em seu colchão de espuma velho, Luana pensou em quão estava cansada de tudo: de todas as máscaras que ela precisa interpretar, cansada de tentar montar o que sobrou de uma vida despedaçada. A verdade era que ela não sabia o que fazer nem o que falar o tempo todo, como se tivesse perdido o controle de tudo.

A queimação parecia partir seu corpo em vários pedaços, despertando-a. A primeira coisa que viu foi uma janela com o vidro quebrado e com cortinas rasgadas. As em sua volta estavam descascando, algumas partes manchadas de mofo verde e marrom. Do lado de fora via-se apenas algumas árvores cujos os galhos davam a impressão de rostos retorcidos em dor.

Sua mente rodopiava grogue pelos remédios quando percebeu que estava sentada em uma cadeira antiga, com parte do estofado saindo bem do lado de sua cabeça devido a um rasgo. Tentou se levantar, mas percebeu que estava com ambos os pés e pulsos presos por cintos de couro de fivelas enferrujadas. Sentindo uma náusea repentina, inclinou a cabeça para a frente e vomitou uma gosma escura e fétida que deixou um gosto amargo na boca.

Seu corpo convulsionou e ela inclinou a cabeça para o lado, percebendo finalmente o acesso que saía de seu pulso e a conectava a suporte de soro

antigo. Nesse suporte, havia um frasco de vidro com um líquido escuro que gotejava para dentro de seu corpo.

A mente de Luana se esforçava para encontrar algum sentido naquilo. Como ela parou presa em uma cadeira velha em um prédio abandonado? Se sua memória não falhasse, ela deveria estar em casa. Aquilo tudo parecia um pesadelo, entretanto sua queimação e tontura eram reais demais para deixar aquela teoria em xeque.

Passos preencheram o silêncio da enorme sala, seus sapatos ecoando por todo o ambiente e preenchendo o corpo dela.

— Vejo que alguém acordou, finalmente – ela escutou uma voz terrivelmente familiar, mas sombria e distante.

Parada em uma entrada a direita da Luana estava ela mesma. Uma outra Luana. Uma versão diferente de si mesma. Havia um detalhe que lhe causou um arrepio nas costas: Os olhos da outra Luana era dois buracos negros, sangue escorria pelas suas faces enquanto ela sorria inocentemente para a Luana que estava amarrada.

— Você não imagina o quanto eu fico feliz em você ter acordado. Acredite, você é a primeira que de fato acorda. Isso é um avanço e tanto – diz a Outra, caminhando em sua direção.

— Quem é você? – perguntou Luana.

— Não está vendo meu rosto? Não se reconhece quando se vê – respondeu ela, sarcasticamente — Hmmm, está quase vazio. Isso é muito bom. – comentou ela, batendo no gotejador do soro.

— O que é isso que você colocou em mim? O que eu estou fazendo aqui? – vociferava as perguntas que ecoavam no ambiente amplo e vazio.

A Outra a esbofeteou no rosto, deixando marcas de dedos no rosto de Luana.

— Precisa gritar desse jeito? – respondeu a Outra. — Tudo bem que estamos no meio do nada, todavia sua voz me irrita!

— Caso não tenha percebido, minha cara – Luana tentou usar o mesmo tom sarcástico da Outra, fracassando. — Temos a mesma voz.

A Outra Luana deu de ombros e saiu para detrás da cadeira de Luana, onde deveria haver uma mesa, pois a Outra voltou com uma prancheta e uma caneta.

— A paciente respondeu bem ao tratamento – dizia ela enquanto escrevia.

— Como consegue escrever se você não tem olhos? – perguntou Luana.

— Seu raciocínio permanece inalterado – diz a Outra, ignorando-a e andando em sua volta — Anatomias físicas permanecem sem alteração.

A Outra postou-se em sua frente e apertou o dedo polegar e médio contra as bochechas de Luana, fazendo-a abrir a boca.

— Sem alteração interna – disse ela, depois de escrever — Mesmo apresentando um pouco de êmese, a cobaia respondeu bem ao tratamento, sendo devidamente identificada e colocada sobre acompanhamento.

Luana permaneceu quieta em sua cadeira, observando enquanto a Outra sorria para a prancheta em suas mãos. Mais uma vez ela foi para detrás da cadeira de Luana, com seu sapato alto ecoando sobre a sala. Agoniada tentando imaginar o que aconteceria a seguir, ela fitou o ambiente destruído em sua volta. Viu restos de macas viradas e enferrujadas, cadeiras iguais a dela e piores, mais janelas quebradas e alguns buracos que ela deduziu serem de ar condicionado.

Outra Luana voltou com uma tesoura em mãos e vestindo luvas de procedimento cirúrgico.

— Agora você será identificada – anunciou ela.

A Outra ajoelhou-se na sua frente e pegou a barra da camisola de Luana, cortando-a até o colo, depois abrindo, expondo todo o corpo seminu dela, com os seios amostra e sua calcinha preta. A Outra sorriu, em uma mistura de desejo e satisfação, como se estivesse planejando fazer algo sexual com ela.

Luana a encarou com nojo e raiva. A Outra ajoelhou-se de novo e cortou um pedaço grande da camisola de Luana, dobrando-o e amarrando na boca dela, impedindo que Luana emitisse qualquer barulho. Quando apertou o suficiente, ela partiu mais uma vez para detrás da cadeira.

Demorou mais uma pequena eternidade até ela voltar com um ferrete escrito “CO10023”. Seu sorriso agora era sádico assassino. Luana começou a gritar, emitindo sons abafados contra a mordação. Lágrimas escorreram pelos olhos e suor rolava pela testa. Ela debatia-se da melhor forma possível estando amarrada. No entanto, tudo fora em vão e a Outra Luana encostou o Ferrete na barriga de Luana, em cima do umbigo.

Mais lágrimas rolaram sobre a face de Luana enquanto sentia a queimação de fora misturar-se com a queimação de dentro do seu corpo. Sua visão ficou turva e seu corpo começou a convulsionar de novo. A Outra Luana praguejou, mas não se moveu, sorrindo e balançando a mão elegantemente, como se estivesse se despedindo. Ela inclinou a cabeça para o lado enquanto sorria despreziosamente.

Luana acordou com seu colchão velho encharcado, sua camisola estava grudada no corpo e sua respiração esbaforida. Olhou ao redor para ter certeza que estava de fato em seu quarto. Tudo parecia no mesmo lugar, até o frasco de remédios com a taça de vinho ainda com um terço do seu conteúdo. A janela apontava os primeiros raios de sol que lutavam para adentrar na escuridão da noite.

A mulher colocou a mão na testa e suspirou aliviada, pois aquele maldito pesadelo havia passado. Levantou-se e sentiu sua mente rodopiar por alguns instantes. Prometeu a si mesma que nunca mais misturaria vinho com remédios enquanto se sentava na cama. Esperou alguns minutos até poder levantar de novo e ir em direção ao banheiro, arrancando a camisola e deixando-a cair no caminho.

Se ela tivesse seguido rapidamente em direção do chuveiro como de costume, evitando o espelho comprido que ficava ao lado da pia, ela não teria

visto. Conquanto, ela parou para ver como estava e sentiu como se milhares de quilos a atingissem.

Seu corpo parecia o mesmo, o mesmo cabelo e mesmo tom de pele de quando fora dormir, no entanto, ao ver-se no espelho, notou forma de mão que marcava sua bochecha, já rosada em vez de vermelhas. Não obstante, o que a deixou em estado de choque foi o que se localizava em sua barriga. Ela tocou levemente sua barriga, sentindo a pele que se recuperava de forma irregular um pouco acima do umbigo: O “CO10023” estava marcado em sua pele, como uma queimadura em processo final de cicatrização.

FIM

Ele se Alimenta de Sonhos

Por: **Diego Mendonça**

O Autor:

Diego Mendonça é autor dos contos “O Impostor” publicado no livro “A ARTE DO TERROR – VOLUME 4”. “O Eterno Duelo” e “Fé Cega, Oração Silenciosa”, publicado no livro “A ARTE DO TERROR – HISTÓRIA”.

“O Impostor” foi adaptado para a língua espanhola como “El Impostor” no livro “EL ARTE DEL TERROR – VOLUMEN 4”.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

Era 03:54h da madrugada e estava acordado. Tinha posto o despertador para apitar as 8:00h em ponto para ir a uma reunião com o editor do seu próximo livro e, no entanto, se recusava a pregar o olho. Sentia medo, embora se esforçasse para não transparecer. A esposa dormia ao lado, estava mergulhada no sétimo sono e não queria preocupá-la com pensamentos estranhos. Não é porque evitava o sono que a privaria de dormir também.

Heitor andou até a cozinha e passou café. Quando pronto, bebeu puro.

Queria ficar desperto, mas era difícil. Na noite anterior tinha ficado acordado até as 4:00h fugindo do sono e, na noite antes dessa, tinha ficado acordado até às 2:30h porque estava escrevendo um conto de terror sobre o monstro que o atormentava ao pregar os olhos. Somadas as horas dormidas nos últimos dois dias, havia sido cerca de *três*. E se somadas com a última semana inteira, havia sido *sete*. Era o equivalente a *uma* hora por dia.

Era um absurdo. Sim. Mas era isso ou encarar o Diabo.

Subiu as escadas com mais café em uma caneca, e voltou para o quarto. Pôs a caneca no criado-mudo ao lado da cama e abriu o laptop quando se escorou no travesseiro no seu lado da cama.

O sono batia como o Quasimodo bateria o sino de Notre Dame. Olhou para a esposa e a notou descoberta. Cobriu-a. Ela resmungou. Ele abriu o processador de texto e, em vez de trabalhar num novo conto de terror, clicou numa página branca e começou a digitar uma carta para a esposa.

Aline, há uma “coisa estranha” acontecendo comigo, portanto, não trate como algo leviano, porque sei que você é disso. Se eu não acordar, significa que eu sucumbi ao MONSTRO que me ataca quando durmo. Se quando eu estiver morto e o legista te disser que tive uma parada cardíaca ou um derrame, pode até ser verdade, mas provavelmente foi porque fui pego e retorcido dentro da minha própria mente. Sim, eu sei, não deve estar entendendo nada, mas vou explicar melhor; foi por isso que deixei esta carta.

Eu comecei a perceber esse demônio há, talvez, um mês e meio. Não sei dizer ao certo quanto tempo, porque quando não se dorme direito, o tique-taque do relógio parece correr de forma diferente. Às vezes o tempo passa devagar, às vezes passa rápido demais. E isso não é tudo, a gente começa a ouvir coisas estranhas e mesmo a alucinar. Mas sei que “ele” veio pela primeira vez depois da noite em que bebemos vinho e tivemos aquela transa maravilhosa em que quase viramos a noite como dois adolescentes, coisa que não fazíamos há anos. É. Você deve se lembrar, disse que queria repetir a

dose, e eu disse que também queria que as coisas fossem boas como antigamente. Naquela noite me sentia jovial, hoje estou de volta aos 48, não tenho mais da disposição que tinha aos 25. Minhas costas doem e o pênis não obedece direito. Ah. O que estou dizendo? É como você diz, “dou sempre um jeito de me perder nos assuntos”. Bem, voltando então... acontece que eu dormi naquela noite e ao mesmo tempo não dormi. Era uma noite quente, os lençóis grudavam na pele e eu lembro que depois de transarmos revezamos o chuveiro. Você foi primeiro e trocamos um beijo quando entrei no box do banheiro, e depois que voltei da minha ducha, já a vi dormindo. Ao me deitar do seu lado, o sono veio ligeiro, mas não um sono relaxante. O que senti foi um aperto no peito, como se tivesse algo em cima de mim. Na vaga consciência de quem dorme, pensei ser o Fumaça, mas mesmo gatos não são loucos de dormir colados em humanos em dias absurdamente quentes. A verdade é que eu estava acordado, mas ainda dormia. Era como um sonho lúcido em que eu via tudo como um espectador. Eu estava sendo devorado aos poucos, e tentava gritar, me mover. Mas não conseguia nem mexer o mindinho. Entrei em pânico, é claro, quem não entraria? Quando se está tendo um pesadelo e se tem consciência disso, o primeiro instinto é se forçar a acordar. E eu não acordava. Achava que estava me debatendo e, no entanto, nem me mexia. Imagino que estar sendo operado e acordar no meio da cirurgia ainda anestesiado deve causar o mesmo tipo de sensação. E sabe qual é essa sensação?

Pavor.

Agonia.

Deve estar pensando que sou louco agora, não é? Não minta. Eu sei que sim, Aline. Sou escritor, felizmente um que faz best-sellers, e o que faço de melhor é espionar o comportamento das pessoas para ver quais seriam os tipos de reações que teriam em determinadas situações. As ramificações do que está pensando ao ler esta carta são poucas.

- 1) Ou você acha que estou louco;
- 2) Ou acha que falo a verdade;

3) *Ou acha que estou bêbado;*

Bêbado eu não sou, raramente bebo, bem você sabe. E você nunca acredita em mim. Sobra a opção de que acha que estou louco. Tudo bem, tem esse direito. Eu diria que você estaria louca se estivesse em minha posição. Infelizmente, meu amor, não estou. Queria estar louco, porque tudo poderia ser resolvido com remédios e orientação de psiquiatras. Coisa que fiz, não vou mentir.

Duas semanas atrás, era uma quarta-feira, você me perguntou onde eu estava indo e eu disse que tinha uma reunião com o editor, uma reunião de emergência que ele tinha feito para resolver um caso de extravio de laudas do meu original que estava para diagramação. Disse que se eles não conseguissem recuperar, eu ia ter que reescrever todo o pedaço que havia sumido. Aí então, quando voltei para casa, você perguntou se eu havia conseguido resolver o problema. Eu respondi que sim, que não era um pedaço muito grande. Algo como três páginas, coisa que reescrevi na hora porque me lembrava muito bem da cena em questão. Lembra disso? Pois então, era mentira. Eu tinha ido ao psiquiatra. Me consultei com o dr. Zorzato e contei para ele do monstro que vinha me atormentando por todas as noites desde que o identifiquei.

— É paralisia do sono — ele me dissera prontamente. Como se eu fosse um idiota e jamais tivesse pensado na possibilidade.

— Se fosse, eu não estaria aqui — respondi. — Já tive paralisia do sono antes, doutor. E sem querer ofender, eu sei diferenciar. A paralisia do sono é uma sensação ruim e até parecida, mas ainda assim apenas uma sensação. O que acontece comigo não é uma sensação, é o sentir!

Ele não entendeu o que eu quis dizer. Era um idiota.

— Como você descreveria a diferença?

E eu o respondi da forma mais sincera que pude pensar no momento.

— Sabe diferenciar a punheta do sexo de verdade, não sabe? — ele

ficara claramente chocado com a resposta, o que me provou que eu estava na companhia de um baita imbecil. Um psiquiatra até onde eu saiba não pode externar surpresa.

— Sim, claro — dissera ele, se aprumando.

— A diferença é essa, doutor. A punheta é como a paralisia do sono, algo passivo; suave, uma sensação. Já o ataque do monstro é o sexo. O ativo. Agressividade. Carne na carne. O toque e o calor. Então o clímax. No caso do sexo o clímax é bom, e tenho a terrível certeza que a do monstro, não. Ainda não o tive. E sinceramente doutor, não estou interessado em descobrir.

— Esse monstro não quer te deixar dormir, é isso?

— Na verdade, acho que ele está me devorando; sugando minha energia ou vitalidade. Meu cansaço e fadiga pode ser por causa disso, não acha? — Ele fizera um muxoxo. Não sabia o que me dizer. Suspirei. — Não sei mais o que fazer, doutor. Toda noite quando ponho a cabeça no travesseiro, eu experimento o inferno. Essa criatura aparece e é um terror. Quando acaba, estou chorando. Geralmente não consigo dormir depois disso, e nas poucas vezes que sim, durmo de uma a duas horas no máximo.

— Não sei se o que vê é alucinógeno ou não, ou se é fruto de estresse. Como o caso que descreve é novo para mim, experimentemos começar com uma prescrição de tarjas pretas. Provavelmente vai ajudar.

Então ele me deu uma prescrição de ‘derruba cavalos’ para me fazer dormir. Uma pílula disso, um comprimido daquele outro, e era nocaute.

Funcionou por um tempo. Consegue imaginar o quão bom é dormir quando se quer muito? Quando mais novo, fui em uma festa de ano novo e estava um calor de matar. Eu tive que ficar acordado a noite toda e até um pedaço da tarde porque estava muito quente e eu estava na casa de um amigo (que hoje em dia é falecido). Tive que pegar dois ônibus até chegar em casa, e quando cheguei, entrei direto numa ducha. Foi um orgasmo mental. Foi o melhor banho da minha vida. Mal me sequei e depois dormi. Foi bom. Fiquei um dia inteiro em descanso, aquilo havia sido maravilhoso. De verdade, sim.

Mas então, quando eu tomei as tarjas pretas do dr. Zorzato, o sono veio muito melhor que aquela vez no réveillon. Eu não precisei passar pelo limiar entre o acordado e o dormindo, eu só apagava. É tipo entrar pela janela, sabe? Você não precisa passar pelo capacho da porta. E por causa disso eu consegui enganar o monstro, que, imagino eu, sempre me esperar no alpendre da casa.

Aline, acho que ele descobriu que eu entrava pela janela, e desde então estou um caco.

Mas acho que, por eu conseguir burlar o poder dele sobre mim, ganhei um pouco de liberdade enquanto ele me devorava. Consegui falar com ele uma vez. E foi horrível.

Eu dormia nessa noite em específico de barriga para cima, e eu entrei no transe. Ele apareceu, imenso; duas corcovas pontiagudas nas costas e bico de rapina com dentes ocos. Seus olhos pendiam mortos como o de um cadáver, e a cauda, como a de um dragão, caso existisse um de verdade. O cheiro era o da morte: amargo, sufocante. Aquele odor que entra nas narinas e se prende no fundo da garganta.

Ele bicou minha testa, o ponto do terceiro olho, e me drenou, é o que sempre faz.

Eu consegui dizer:

— Me solte. Me deixe em paz...

Ele parou. No entanto, riu.

— Você não tem poder aqui, humano. Seus sonhos são meus. Sua mente é minha. Tudo o que pode fazer é assistir. E chorar, talvez. Mas nada mais que isso.

Então ele me bicou de novo. Os dentes ocos me drenavam essência negra. Não sangue.

— Por favor, me solte! Eu não te fiz nada!

Foi aí que você falou comigo, Aline, resmungando em sono.

— O que houve, Heitor? Disse algo?

Ele cacarejou uma risada e fez que era para eu dizer que sim.

— Faça uma pergunta para ela. Não a deixe saber que estou aqui. Ou ela será meu próximo alvo.

Fiz uma pergunta, como ele sugeriu.

— Perguntei se você está se sentindo bem, estava falando dormindo.

— Ah — você disse. — Estava tendo um pesadelo. Você morria. Era só um pesadelo idiota.

Você se aconchegou em mim e afastou o monstro um pouco. Ele ainda assim ria.

— Por hoje estou satisfeito. Mas estarei aqui sempre que fechar os olhos. Vou me alimentar de você até que nada mais da sua mente sobre.

— Não vou deixar — eu disse. Era um sussurro.

— E o que vai fazer? Nunca mais dormir? É impossível, humano. É impossível.

Por fim sumiu.

Ele se sacia, some, e espera eu dormir de novo para voltar a devorar meus sonhos. Por isso Aline, temo por minha vida. Temo que na próxima vez que eu dormir, eu não acorde mais. E se eu não acordar, saberá o porquê e não pensará que foi uma mera fatalidade. Porque não será. Estou lidando com as trevas e acredito que depois que ele se cansar de mim, ele vai ir até você. E caso ele for, sugiro que tire a própria vida. Não vale nem um pouco a pena enfrentá-lo. Dói; você não dorme. A única coisa que lhe resta é esperar a morte; bem como estou agora.

Não trate como piada. Tudo o que falei é verdade. Tudo mesmo.

O que farei agora, é dormir. Estou sendo vencido pela exaustão. Sinto

muito.

Eu te amo, Aline. Te amo desde o dia em que nos conhecemos. Não há coisas na Terra que se equiparem aos seus olhos. Seu sorriso não é deste mundo, diria que não é nem mesmo desse universo. Te amo e te amo. Te amo daqui até Marte.

Repito: “*Se eu não acordar, ele me matou. Então, use o revólver. USE-O!*

Mais uma vez, eu te amo.

Muito.

Heitor parou de escrever, revisou a ortografia, e com isso feito, estalou os nós dos dedos. Já eram 4:59h. Digitou a carta de uma vez só e os olhos ardiam. O café estava frio e Aline roncava ao seu lado. Ele olhou para ela e sorriu um pouco, melancólico.

Salvou o arquivo e mandou a impressora trabalhar. Ouviu o som das folhas caindo na bandeja do escritório e, com muito custo, forçou-se a se levantar para buscar a carta.

— É. Então é isso — divagou.

Abriu a terceira gaveta debaixo da escrivaninha onde botava o laptop para escrever seus romances e contos e tirou de lá um revólver.

Voltou para o quarto e pôs as folhas das cartas em cima do livro de cabeceira dela. E, também, o revólver.

Lembrou-se de escrever na carta “USE-O” e o coração gelou. Mas estava quase caindo de exaustão, queria muito dormir.

Deu um beijo suave e muito carinhoso na bochecha da esposa e depois voltou para o seu lado da cama.

Disse para a escuridão:

— Se eu viver depois dessa noite, eu venci.

Ninguém respondeu. Mas acreditou que era uma boa aposta.

“USE-O”, se lembrou. “*Ela vai se levantar normalmente pela manhã, ler a carta e vai tentar me acordar. Se eu acordar, venci*”. Chorou. “*Quero vencer*”.

Então dormiu, mas não antes de pensar que se perdesse, Aline também perderia.

FIM

Eu e Os Outros

Por: **Antonio Stegues Batista**

O Autor:

Comecei a escrever com 17 anos, primeiramente imitando autores americanos e ingleses de romances policial. Com o decorrer dos anos fui adquirindo estilo e ideias próprias, abordando temas, ou gêneros, como ficção científica, policial, terror/horror e suspense. Sempre procurando encerrar a história com uma revelação surpreendente, com a intenção de deixar o leitor impressionado.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

INGLATERRA- 1831

Meu nome é Milton Karloff. Vou lhes contar a minha história, embora fantástica, é pura verdade.

Era inverno quando comecei a trabalhar naquela casa em Millbank, próximo do rio Tâmisa. Uma casa que parecia mais um castelo de tão grande e bonita. Dizem que pertenceu a lorde Byron. O novo proprietário recém

estava morando nela e precisava de mais um empregado.

Morei no distrito de Winchester e trabalhei numa mina de carvão. Houve um desmoronamento na mina, causando 16 mortes. Escapei de morrer porque estava perto da saída. Depois da tragédia a mina foi fechada.

Sem emprego, me mudei para Londres, onde aluguei um quartinho com o dinheiro da indenização. Saía todos os dias a procura de trabalho em casas de comércio, estábulos, ferrarias e tavernas. Foi numa taverna que conheci Tom Cavor. Ele estava bebendo no balcão e me ouviu pedir emprego ao taverneiro. Disse para eu ir à casa de número 77, na Flowers Street, em Millbank, que lá estavam precisando de um empregado doméstico.

Serviço doméstico, pensei cá comigo, é para mulher, mas aí me lembrei que havia outros afazeres para homens numa casa, cortar lenha, cuidar do jardim, limpar o estábulo, consertar o telhado e muitos outros. Assim pensando, me dirigi na manhã seguinte, como Tom recomendou, para a casa de número 77 da Flowers Street. Quando bati na porta, o próprio Tom me recebeu. Ele tirou o relógio do bolso e consultou as horas.

— Na hora certa – disse, com aquela cara de poucos amigos, que parecia ser sua expressão natural. Parece que Tom já nasceu daquele jeito! — Isso é um ponto a seu favor. — completou, acabando de abrir a porta. Ele me guiou através de uma sala praticamente vazia, até um curto corredor onde ficava o gabinete do patrão.

Confesso que nunca vi um gabinete tão bonito e lustroso como aquele. As paredes eram forradas com madeira envernizada, tinha uma estante com livros, uma mesinha com um astrolábio e uma caixa de charutos. Foi o que eu notei de relance. O patrão, estava sentado atrás da escrivaninha de madeira escura e lavrada. Era jovem, tinha entre 30 e 35 anos, rosto quadrado, de queixo ossudo. Os olhos castanhos e o cabelo da mesma cor, lisos, deixavam o rosto sombreado. Não era tão carrancudo quanto Tom, mas notava-se um brilho de seriedade e circunspeção no olhar e na linha levemente curva dos cantos da boca.

Fez as perguntas de praxe, onde eu morava, se tinha família, se tinha referências de trabalho. Falei que era solteiro e mostrei minha inscrição de mineiro e ele ficou satisfeito. Explicou que meu serviço seria ajudar Tom nos afazeres da casa, principalmente cuidar duma fornalha e uma caldeira no porão. A fornalha era alimentada com carvão, o que me deixou satisfeito por poder voltar a sentir o cheiro característico daquele mineral.

— Se o senhor quiser, pode morar na casinha dos fundos, tem uma cama lá, além de privada e banheira. Só não lhe posso dar alimentação, eu mesmo almoço e janto numa taverna.

— Eu vou aceitar a sua oferta, assim, posso economizar no aluguel.

— Muito bem. Vamos tratar dos seus honorários.

O salário era o dobro do que eu ganhava como mineiro e ainda não precisava pagar aluguel. No dia seguinte, levei meus parcos pertences para a mansão, ou seja, para a casa dos fundos, uma construção de tijolos com duas peças, quarto e sala. A entrada do porão ficava logo em frente. Ele consistia num aposento amplo, não do mesmo tamanho da casa, mas espaçoso o suficiente para conter uma fornalha, canos de cobre, um depósito para o carvão e um armário de ferramentas. A claridade do dia e o ar fresco, entravam por duas janelas pequenas, uma em cada lado, protegidas por tela de arame para impedir a entrada de ratos, gatos e morcegos. Em dias nublados, era necessário acender lampiões, pois o lugar ficava mais sombrio do que já era. Quem não estivesse acostumado com lugares fechados e apertados, não aguentaria permanecer muito tempo ali. Como trabalhei numa mina, não me incomodei com o ambiente.

A fornalha esquentava uma caldeira, de onde saíam tubos de cobre que subiam para o interior da mansão. O vapor quente passando por canos entre as paredes, aquecia a casa no inverno. Tom explicou que o vapor também gerava energia para instrumentos e máquinas no laboratório do patrão. A caldeira era provida de válvulas de segurança, para expulsar a pressão excessiva, eu não

precisava me preocupar com esse detalhe, mas sim, com o fogo e o calor, tinha que manter a temperatura constante, sempre entre dois níveis.

Na manhã seguinte acordei com Tom me sacudindo pelo ombro. Tive um sono tão pesado que não o vi entrar.

— Se arrume e venha ao pátio me ajudar a descarregar alguns caixotes.

Vesti a roupa e sai. No pátio estava uma carroça sem cavalo. Os dois animais comiam feno diante do estábulo e o cocheiro, sentado num banco, tomava o desjejum. Ele devia ter viajado a noite toda. O sol recém se erguia no horizonte e o ar era frio.

Havia cinco caixotes na carroça, três pequenos e dois grandes. Tom pegou um dos pequenos, mandou eu pegar outro e segui-lo. Entramos na casa, pela porta dos fundos e subimos uma escada até o sótão. As caixas maiores eram mais pesadas e foram necessário nós dois para carrega-las. Depois desencaixotamos o conteúdo, aparelhos e instrumentos estranhos, os quais, não consegui saber a utilidade.

— Para que servem isso? – indaguei. Tom me olhou contrariado, como se dissesse; isso não é da sua conta!

— O patrão é médico e vai usar essas coisas em seus trabalhos e é só o que você precisa saber. O patrão não gosta que ninguém venha ao sótão. Ele vai fazer experiências com ratos e coelhos infectados com doenças mortais. Quem não estiver vacinado pode morrer. Então, a partir de hoje não ponha os pés dentro desta casa. Fique apenas no porão ou na sua casa e só entre se o patrão chamar, entendeu?

Fiquei um pouco assustado com a possibilidade de pegar uma doença grave. Já tinha ouvido falar que alguns cientistas, tentando encontrar a cura para certas doenças, eles mesmos muitas vezes, adoeciam e morriam contaminados. Julguei necessário obedecer ao aviso e às regras.

Eu queria trabalho, um salário, lugar para dormir e ali eu tinha. Não me preocupei com mais nada, nem com as atitudes estranhas dos meus patrões,

ou com as batidas de Tom à noite na porta de meu quarto, às vezes de madrugada, para tirar fardos da carroça e leva-los para uma sala de pesquisas no andar térreo. Outros dias era ajuda-lo a carregar fardos para a carroça, conteúdo que eu não conseguia identificar, mas que exalavam mau cheiro, como de coisas podres. Tom dizia que eram animais mortos, que o patrão utilizava em suas experiências. Eles os jogaria em algum pântano, longe da cidade.

Os dias foram se passando. Naquelas duas semanas não tive folga.

— O doutor está empenhado em concluir uma pesquisa e precisa da caldeira funcionando. — disse Tom — Ele está esgotado, mas quer completar o trabalho. Portanto, quando ele concluir o que está fazendo, vai nos dar alguns dias de folga.

Alguns dias sem trabalhar! Tentei imaginar o que faria. Passear no campo, talvez. Quatro dias depois, acordei com Tom batendo na porta.

— Acenda a caldeira imediatamente! — disse ele, num tom de urgência e voltou a sumir. Quem sou eu para ficar fazendo perguntas e tentar imaginar o porquê das coisas? O calor da fornalha ainda aquecia a casa, mesmo assim, fui cumprir a minha obrigação. Uma carga de carvão desabou pelo duto, no depósito. Tom sempre se preocupou em deixar o depósito cheio. Abri o registro da água para encher o bojo, depois coloquei o carvão na fornalha e acendi o fogo.

Trabalhei até de madrugada. Pouco antes do amanhecer, a campainha tocou. Abri os registros para liberar o vapor. Tirei as luvas, o avental de couro, me lavi e fui dormir um pouco. Acordei com Tom me sacudindo pelo ombro.

— Acorda, preguiçoso! Veja o que o patrão nos mandou.

Sobre a mesa havia pão, queijo, galinha assada, peixe seco, salame e uma garrafa de vinho. Fiquei deveras surpreso com aquele gesto do patrão.

— É uma recompensa pelo nosso trabalho. Um esplendido almoço para

recuperarmos a força, o vigor, depois de uma noite insone.

Tom cortou o pão, um pedaço de salame, de queijo, galinha, colocou em dois pratos e me deu um. Encheu dois copos de vinho.

— O patrão não é de dar regalias — disse ele entre uma mastigada e outra. — Aconteceu que ele teve sucesso numa experiência e decidiu dividir conosco a sua alegria.

— Há quanto tempo o senhor trabalha aqui?

— Uns cinco anos. Eu morava na rua, vivia de esmolas e pequenos serviços. O patrão tem uma clínica e eu cuidava dos cavalos e conduzia a carruagem dele. Depois de alguns dias comecei a fazer outras tarefas de confiança e acabei sendo o mordomo. O patrão é muito bom, saiba que ele nos deu dois dias de folga. Aproveite para passear.

Eu não tinha lugar nenhum para ir e estava nevando. Prefери ficar em casa, tomando vinho e comendo queijo assado.

Acordei, quando algo tocou meu rosto. Foi como uma brisa leve, ou o toque de uma asa de borboleta em minha face. Abri os olhos e fiquei surpreso ao ver uma mulher ao lado da cama. A princípio achei que sonhava, mas percebi que já era dia, então tive certeza que era real. Ela parecia confusa, olhou para mim, depois ao redor, fazendo um gesto vago. Tentou falar, mas a princípio as palavras saíram emboladas, sem sentido.

Não consegui imaginar o que estava fazendo ali, o que queria. Pelo que eu sabia, apenas o patrão e Tom moravam naquela casa. Ela usava um vestido simples, de linho, com alças nos ombros. Estava descalça, seus cabelos eram longos, pretos e estavam revoltos, como se ela tivesse acordado e esquecido de penteá-los. O rosto redondo de pele clara, os lábios pálidos, os olhos fundos, tinha um ar febril.

— Como se chama? O que veio fazer aqui?

Novamente ela fez um esforço para falar.

— Não sei! Não me lembro de nada! Eu estava na casa, não havia ninguém, desci e vim parar aqui.

— Sabe onde mora?

Ela sacudiu a cabeça, olhando ao redor.

— Não. Estou confusa!

— Vou leva-la ao doutor. Ele examinará a senhora e lhe dará algum remédio para acalmar os nervos.

A mulher arregalou os olhos, segurou meu braço com mãos trêmulas.

— Não! O doutor não! Ele é mau.

Fiquei surpreso com a reação dela. O doutor era mau? Eu não sabia, aliás eu pouco sabia da vida particular do médico. Julguei que ele tivesse feito alguma experiência médica com a mulher. Algo que tenha lhe causado algum transtorno, um trauma mental! Resolvi ajuda-la. Talvez se lhe desse um tempo, ela acabaria lembrando o que tinha ocorrido.

— A senhora esteve na casa? No laboratório dele?

Ela hesitou, refletindo por alguns instantes. Pela expressão do rosto via-se o esforço para tentar se lembrar.

— Sim, eu estava numa cama, com um aparelho na minha cabeça, um aparelho que me dava choque elétricos. Fiquei lá o dia todo, enquanto o médico me examinava e fazia anotações numa caderneta. Quando acabou adormecendo, consegui me desamarrar e fugi. Não consegui abrir o portão, então vim para cá, pedir ajuda.

Eu já tinha ouvido falar que, em certos hospitais, os médicos davam choques elétricos nas pessoas que sofriam de doenças mentais. Considerei que, se o patrão era mau, não podia pedir ajuda a ele, tampouco a Tom que devia saber das atividades ilícitas do médico. Bem, se não estavam fora da lei, pelo menos as práticas médicas eram imorais e desumanas.

Resolvi ocultar a mulher, enquanto saíria para procurar um parente dela.

Estava amanhecendo, era meu dia de folga, então poderia sair sem me preocupar com o trabalho. Abri o portão e sai. Mas, por onde começaria? Ela não se lembrava de nada! Então, tive uma ideia!

Talvez o patrão tivesse algum documento sobre ela em seu laboratório. Seria perigoso entrar lá às escondidas, mas resolvi me arriscar. Pedi para a mulher ficar no meu quarto e me dirigi para a mansão. Entrei por uma janela e subi ao sótão. Evitei fazer barulho, andando como um gato furtivo. Coloquei o lenço no rosto para não respirar ar nocivo, como fazia na mina e entrei no laboratório.

Havia ali uma infinidade de instrumentos e aparelhos. Bem no centro do aposento, estava uma espécie de cama, com correias para prender os pacientes que sofrem de convulsões. Sobre uma mesinha, um capacete de metal, com fios ligados a uma máquina.

Encontrei sobre um armário baixo, um formulário médico. Peguei-o e verifiquei que era o atestado de óbito de uma mulher chamada Anna Marley.

As gavetas do armário estavam trancadas e comecei a procurar pelas chaves. Foi então que olhei com mais atenção para os frascos de vidro e barro, nas prateleiras no fundo do aposento. Fiquei espantado ao descobrir que eles continham órgãos humanos, pés, mãos, coração, fígado e até a cabeça de homem! Tudo conservado, boiando num líquido amarronzado. Havia também, um tanque num canto, fechado com uma tampa de metal que eu não tive coragem de abrir para ver o conteúdo.

Horrorizado, sai apressado daquele lugar. Quando cheguei no pátio, vi a mulher saindo pelo portão, (que eu não voltei a trancar). Havia nevado durante a noite, estava muito frio e mesmo assim, ela não pegou nenhum agasalho. Corri atrás dela, pois achava que tinha a obrigação de ajudá-la a encontrar seus familiares. Eu nem imaginava que ela era Anna Marley, que o doutor havia comprado seu corpo para fazer experiências para ressuscitar os mortos e que ele teve êxito, ressuscitando a mulher.

Anna Marley correu para atravessar a linha férrea, em direção a igreja de

Westminster. Corri atrás dela. A neve estava alta em alguns lugares, difícil para correr. Anna diminuiu a corrida, como se estivesse cansada, ou por causa da neve. Parou, aturdida, vacilou, levou as mãos à cabeça e caiu.

Quando cheguei até ela, percebi que estava muito mal, respirava com dificuldade. O corpo estendido sobre a neve, os braços abertos, os olhos já sem vida, fitava o céu plúmbeo. Seu rosto e braços, o corpo inteiro por debaixo do vestido, tornou-se azulado, depois escureceu e diante de meus olhos incrédulos, se desfez em carnes podres. Recuei apavorado, ouvindo um som estridente, repetido, como um aviso de perigo.

O trem me pegou e arrastou sobre os trilhos e dormentes. Um turbilhão de sons e dores, a carne sendo cortada e estraçalhada pelo ferro frio em meio a neve. Muita dor e espanto. A última coisa que eu vi antes de morrer, foi minhas pernas e quadris estraçalhados de um lado e o tronco do outro, as vísceras espalhadas ao redor, junto aos restos de Anna Marley.

Quando acordei, em princípio, não me lembrava nada disso. Fiquei longo tempo deitado naquela cama, olhando para o teto daquele sótão sombrio, cheio de instrumentos e máquinas. Depois chegou alguém, um homem de rosto severo e olhar determinado. O patrão! Reconheci de imediato. O nome dele estava gravado no avental branco, no lado esquerdo do peito; doutor Victor Frankenstein. Ele me examinou com um estetoscópio, verificou a pele, os olhos e os membros.

— Consegue se levantar? — perguntou. Não conseguia me mover, tampouco responder. Mesmo que eu fizesse força, nenhum som saiu de minha garganta.

— Vamos esperar mais um pouco — disse o médico e saiu. Ali fiquei o dia inteiro, Victor ia me ver de vez enquanto, às vezes, Tom. Foi ao anoitecer que eu comecei a sentir o meu corpo, a ter a sensibilidade de tato. Também comecei a mover os dedos e a cabeça. Porém, o médico havia me prendido com correias, para que não fugisse, como fez Anna. Quando adquiri força nos

músculos, arrebentei as correias, ergui meu tronco e me sentei sobre a mesa. Vi com espanto, que o médico havia me dado outro corpo, pernas e tronco. Membros e tronco de outras pessoas, costurados, formando outra pessoa que era eu, outro Milton!

As lembranças ainda eram confusas, porém, conseguindo caminhar, ainda um pouco lento e rígido, decidi fugir daquela casa. Encontrei uma única calça, atirada num canto e a vesti.

Fugi de madrugada, quando Victor e Tom ainda dormiam. As ruas estavam vazias, nevava. Apesar do frio, caminhei por um bom tempo, até achar um lugar para me esconder, um galpão que eu pensava estar abandonado, perto de uma casa no alto de uma colina.

Foi a dona da casa que me encontrou, encolhido num canto e me acolheu, dando-me roupas e um prato com caldo quente de galinha. Quando consegui falar, contei a ela a minha história. Seu nome era Mary Shelley. Ela era escritora.

FIM

O Rei do Fosso

Por: **Gabriel Mayer**

O Autor:

Escritor e roteirista de Porto Alegre, apaixonado por horror e fantasia e fascinado por monstros, lugares abandonados e magia. Suas grandes influências são Guillermo del Toro, Stephen King, Edgar Allan Poe e H. P. Lovecraft, além de ser um grande fã de Zelda e Caverna do Dragão.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

Em um amplo salão escuro, com pilares de altura infinita e imponência milenar, berros ferozes ressoam, de uma voz grave e obscura, a voz dos pesadelos.

Entremeando os pilares que se perdem no breu, centenas de teias de aranha cobrem o lugar. Individualmente, os fios que compõem as teias são quase invisíveis, mas a grande quantidade sobreposta parece criar uma aura nebulosa e prateada.

A voz que ecoa pelos pavilhões sombrios pertence ao Rei Mortimer, o soberano do Fosso. Sobre sua cabeça, uma auréola estoura em luminosidade,

refletindo de maneira surreal a pouca e incendiada luz que as chamas das enormes tochas ao seu redor são capazes de produzir.

Alguns metros à sua frente, uma pilha de partes corporais, membros selvagens, fatais, encontra-se reunida de maneira caótica. Garras afiadas e enormes ferrões distribuídos por pernas, pescoço e costas, tudo imerso em sangue e fraturas expostas: ossos perfurando tiras de uma grossa pele de tom acinzentado entre pelugem negra. No meio de tudo isso, jogados, um par de braços, sendo um deles gigantesco e disforme, entre remendos de fibras e pústulas e amontoados de carne mutante.

— Já tentaram me trair muitas vezes.

A voz ensandecida do Rei Mortimer parece fazer a criatura caída recobrar os sentidos.

Mortimer estende as duas mãos com as palmas abertas.

— Estas mãos tornaram-se fortes e calejadas ao longo do tempo. A tenacidade dos crânios que esmaguei, dos vermes que já tentaram me trair, as deixou resistentes.

O brilho proveniente do ornamento em sua cabeça parece ofuscar qualquer visão do rosto de Mortimer. Em meio ao brilho, sua face é indistinguível.

— O Fosso é meu, Boris. E meu Fosso é minha demência.

Boris arregala os olhos e fita o Rei Mortimer por cima de suas quelíceras violentamente fraturadas. Seus olhos são amarelados e penetrantes, e seus capilares pulsantes parecem prestes a explodir.

O Rei Mortimer levanta uma das mãos. Em seguida, uma figura alta e encapuzada, vestindo um manto negro, aproxima-se de Mortimer, carregando algo comprido e pesado envolto num pano. A figura entraja um crânio de touro, que cobre não só seu rosto, mas toda a sua cabeça.

Mortimer toma o objeto para si. Com cuidado, retira do pano uma espada em seu invólucro, que deposita, de joelhos, à sua frente. O soberano do Fosso,

de cabeça baixa, fica algum tempo fitando o nada, em frente à espada lacrada. Uma onda de vozes silenciosas, sussurros de sofrimento e gemidos toma conta do lugar, intensificando-se cada vez mais.

Subitamente, Mortimer retira a espada do invólucro. Ela é grande e tem o cabo feito de algum material enegrecido, cheio de curvas e detalhes. Ao deixar seu recipiente, a espada range de uma maneira aguda, como um grito. Reflexos das chamas das tochas dançam na lâmina, até que ela enegrece completamente, e a imagem se esvai. A lâmina da espada possui um curioso dobramento pontiagudo na ponta, como um dente afiado, voltado para trás.

O Rei Mortimer começa a caminhar lentamente em direção a Boris. Agora é possível ver uma coroa em sua cabeça. Uma coroa de um branco límpido e brilhante, feita de ossos pontiagudos, cuidadosamente polidos. A frente de seu rosto é vestida de um elmo feito de crânio.

— E a Demência é incapaz de demonstrar misericórdia.

O Rei Mortimer para em frente a Boris, com um leve sorriso no rosto.

Numa fração de segundo, Mortimer, com suas duas mãos, penetra o coração de Boris num golpe de espada.

— Essa é a Lei do Fosso.

O Rei Mortimer agora está num foco de luz do salão, e assim é possível ver a enorme quantidade de cicatrizes em seu rosto cadavérico, e os dois buracos negros que possui no lugar dos olhos. Esses buracos emanam uma estranha espécie de aura esverdeada.

Em seguida, Mortimer arranca a espada do corpo de Boris, que cai no chão, estendido. O peito de Boris está violentamente dilacerado. Na ponta da espada, escorrendo sangue negro, está o grotesco e gigantesco coração monstruoso de Boris, em meio a tripas arrancadas. O coração rapidamente começa a enegrecer, tornando-se pó. O pó e o sangue de Boris vão cobrindo lentamente a lâmina da espada.

Nas mãos do Rei do Fosso, a espada agora resplandece num vermelho

intenso, que inunda o salão em sua luz escarlate. Pelos cantos, todo o tipo de inseto e criatura asquerosa rasteja em direção às pequenas sombras onde a forte luz da espada não foi capaz de alcançar.

Agora carregando a espada em pose ritualística, Mortimer parece murmurar palavras em baixo tom. Um círculo de contornos escarlates, circundado por inscrições rúnicas, surge no chão. Em seu centro, Mortimer posiciona a espada em repouso.

Ao tocar o chão, a espada e sua luz escarlate inundam os contornos do círculo, que começam a brilhar intensamente. O aumento de luz no salão revela uma gigantesca árvore negra em frente ao círculo.

A Árvore Negra parece petrificada. Suas raízes pontiagudas ultrapassam os limites do solo, colocando suas pontas ameaçadoras para o lado de fora, como estalagmites feitas de ferrões mortais.

Mortimer caminha até a figura encapuzada, entregando-lhe a espada. O feiticeiro do Fosso guarda a espada novamente em seu invólucro.

De volta à sua bainha, a luz da espada já não pode ser vista.

E, assim, o Fosso mergulha na escuridão novamente, retornando à maior constância de sua existência.

FIM

Ilusórias Elucidações

Por: **Al Ferreira**

O Autor:

Alessandra Ferreira, estudante de Letras Português na Universidade Federal de Santa Catarina, pseudo fanfiction writer de Tamashii, colaborou como redatora na revista de cultura pop japonesa Neo Tokyo e primeiro lugar no 43º Prêmio Literário Bunkyo na categoria quadrinho.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

“Pretensão. Uma palavrinha sórdida e destruidora de mundos. Viver pacificamente em meio aos seres mais estranhos possíveis, sentir que nada daquilo lhe prende ou estimula, estar afogado no meio dessas magnânimas pretensões... O corpo pesado, o ânimo acirrado em constantes mudanças de níveis para por fim, desistir sem luta. Apenas viver, como se fosse algo interessante, que lhe fará despertar uma curiosidade epistemológica sobre o que há fora de você. O único interesse real em toda essa existência limitada é o que se sente. Como você expõe isso para outros, sempre é uma situação arriscada e delimitadora, na qual, a pessoa em questão apenas se fere, cada

vez mais.

Nada disso faz sentido. É absurdo ter essa compulsão, essa necessidade de pensar, ilimitada, desesperada; um abismo sem fim de compreensão sensitiva quando não há capacidade alguma de agir. Submetido a estas conjunturas, nada resta além estabelecer uma redoma de proteção e manter olhos fixos no chão, em todas as coisas que sejam sombras e imobilidade, contemplar pacificamente o tempo passando e a indiscernível sensação de ausência, crescendo a cada minuto, em uma expectativa enternecedora de que certamente encontrará um vazio, repleto de ausências tão significativas quanto essa vontade de nada ser.

Enquanto havia espera, observo. Observo continuamente o contraste da visão sólida, neutra e segura das coisas monocromáticas. Luto contra a ânsia que se apodera de mim, ao ter que mover o pescoço, para desviar o olhar da vergonha de ter meu campo de visão invadido por vidas infundadas, hipócritas, torrencialmente lotadas de frustrações em seu caminho humilhante de auto-preservação, sem coragem de enfrentar as próprias verdades e de oferecer ao outro o que esperam receber. Todo esse movimento é cansativo demais, apenas de vislumbrar essas abominações; ser sujeitado a me reconhecer como um ser humano - entrando dentro da caixinha limitadora - de subsistir de forma igual a outras criaturas ditas vivas, toldadas a vontade sem controle de perpetuar a própria existência, de aceitar a imposição de existir, apenas para ser mais uma abstração no universo ignorante de outrem; que lhe invade de todas as maneiras possíveis e continuam sob seus pretextos a lhe enfiar todas as suas pretensões goela abaixo, lhe agredindo em profundidades abissais até o menor desaparecimento de vontade própria: viver, se moldar - definir-, encontrar respostas - limitantes, conviver - entre bichos- e receber o boton da normalidade. Pensando bem, ainda resta esperanças. A ironia da espera! Como é possível esperar quando na essência não se aguardava especificamente nada? A passagem desse tempo, não cronometrado ocorre independente da vontade de esperar, agir ou in-agir - mergulhar para si mesmo, encontrar o ostracismo reconfortante- sobre o que

for. Não há objetivo algum, além de alcançar o fim existencial de todo esse tormento indesejável.

Soube que o princípio humanizador é fundamentalmente a comunicação. Certamente. Dever ser, somos levados a acreditar. Entretanto, em que momento foi definido ouvir a comunicação verbal ou gestual dos meus desejos de me inibir de quaisquer contatos com outros seres? A imperatividade na necessidade de fornecer bases, padronizar e dispor das competências que outros, sempre outros, julgam serem necessárias para a ilusória construção da felicidade. A grande questão, retomada é quão perdidos estão, esses seres pequenos e insignificantes, que se prendem cada vez mais em aparências, regras e gostos e não fazem sequer o fundamental e mais importante princípio: analisar sua própria essência, aceitar quem e o que realmente são. Essas tendências inconsistentes que preenchem a vida vazia acepção, para mim nada mais são do que um borrão após acordar, ao limpar dos olhos as areias de Morpheus. Penúria ordinária de sabotismo, cética ascensão de poder utópico, ver-se preso e cada vez mais preso dentro desta densa sociedade, quando tudo o que é vital é olhar e ser o que se é por dentro.

Ademais, é questionável as capacidades facultativas admostada para chegarmos até esse ponto, não? O que sinceramente prevalece, é a experiência da observação, utilizar seus sentidos; é ouvir e compreender, não a superfície das coisas, mas a essência de todas elas ou apenas o controle fugaz do que é pré-estabelecido, fora de seu controle, que lhe tolda, molda, incita a atacar como um animal desesperado, que chafurda na lama, com esse peso viscoso e grotesco da sociedade contaminando, invadindo, rompendo todos os seus poros? Não esquecer do para sempre bem-vindo, está tudo bem e com você; oferecer o lenço e a simpatia para aqueles necessitados -desde que tenha audiência.

Desistir de todo esse aparato absurdo de ideologias, doutrinas, dogmas e coisas estranhas e insignificantes que sequer te consideram como um indivíduo, apenas como um pedaço de carne manipulável- testável, reciclável- pode ser considerado esperança. Esperança de um eterno retorno ao cerne da

existência, ao estado nulo da satisfação plena pela total inexistência de amarras e outras coisas nojentas e escrupulosas que te invadem, se der chance para que ocorra. Percebi há algum tempo, que antes de amainar essas ondas de auto-consciência, enquanto “cresço e amadureço” como o bicho que sou, apenas acabo criando um laço, que torna-se cada vez mais firme, grotesco, teso de convicções diáfanas cuja compreensão apenas eu e ninguém temos controle. Sorver dessa medula, manter o contato direto com a essência e possuir a consciência plena de sentidos – sempre limitantes, pois não alcanço um fim para este dilema- me torna uma pessoa sortuda integra. Capaz de passar entre o meio de todas essas abominações lúdicas de coisas que não existem e permanecer vivo, pois mesmo o abandono desesperado – eremita, ermitão, enjeitado não me é permitido.

Estive maquinalmente absorvendo o que era esperado, exigido, atestado. Aprendi. Apreendi. Apresentei e representei uma imagem que refletia um corpo deslocado, bem talhado, moldado e total e completente não referenciado ao que me via como ser. Cada uma dessas coisas, que não sou eu, foram devidamente analisadas, catalogadas, referenciadas e observadas holísticamente para serem descartadas, após a autópsia impiedosa de meu julgo concreto, exato, absoluto para ver as passas descartáveis de total irrelevância que sobravam. Determinado por Chronos e todos os poderosos meios detentores de ascendência, foi-me determinado autoridades e a preleção da permanência potente e virilizante de assumir à caráter - após tanto esforço em contrário dessa tendência maníaco de sofrimento que perpetuou durante anos, infligidos, sentidos, amordaçados e lançados aos mais vis olhos e sorrisos, de ignorância, barbárie, impetuosidade e desumanidade- a guarda, de seres estorvo, estorvo-seres, serevos-não servos. Que diferem de mim, quer por essência distinta, quer por condições individuais, experiências de vida não partilhadas vivenciadas ou submetidas ao escrúpulo apurador, tolhido de acolhimento, abertura e compreensão, foram mera e simplesmente descartados, acometidos de alheamento social, discriminados e estigmatizados como impuros, incompetentes, incompletos ausências de capacidades sociais mediativas para que possam integrar, interagir, relacionar com esses incríveis

e maravilhosos pedaços de coisas nenhuma que super populam o planeta e que sentem-se empoderados e com direitos de julgar, toldar e submeter outras criaturas à seu mero capricho democrático, ostentando a bandeira libertária da evolução, mudanças com perspectivas positivas e melhores elementos de contextualização para continuarem competindo entre si, independência da distância e das distinções entre as criaturas que são submetidas, viabilizando seu processo de adaptação a condições diferentes. Essas diferenças que são a maior oportunidade de se ter a plena compreensão de o que é abjeto, é a negação de que diferença é mais, de que é a imensidão do mar de perguntas sem respostas que torna o ato de buscá-las e experimentar os sabores da derrota-morte, derrota-vida o maior engodo para mergulhar profundamente na compreensão universal de que tudo isso, continua e permanentemente não leva a nada.

Lástimo aos que permanecem em terra. Limitados, indignos sequer de receberem nomes – porque nomear é limitar, mas também é e sempre será um degrau para compartilhar e vivenciar o valor e a essência de outras criaturas e situação. Me aterroriza ainda o toque de outros, pasmo ao ver o quão absurdamente cegos são e a capacidade heroica que possuem para mergulhar em um abismo obscuro de convicções infundadas nas quais o sangue, a derrota e miséria de outros são atestados da sabedoria e marca de validação para seus atos. Desgosto do emprego do amor, desgosto de tantos outros sentimentos que já foram catalogados para que percam sua autonomia e sejam apenas reproduzidos indefinidamente, cada vez mais torcido, esgotado, longe do âmago de suas intenções. Sordidamente manipulado e deveras utilizado como desculpa para tapar os buracos da compreensão frustrada dos que nada de facto pretendem, querem, possuem coragem de receber ter e usufruir. Augusto de minhas pretensões, creio no afastamento necessário para galgar a compreensão da essência fortuita de que somos todos parte, aquele pedaço sincero de insinceridades que tememos enfrentar. A constância com que por breves momentos aporto, para que mais uma vez possa ser sentir a terra sob meus pés e por muitos poucos lapsos e deslizos de consciência, voltar e novamente representar a figura galante e distanciada, hoje tomada como lenda

régia de terrores inomináveis que para todos os outros aconchegados em seus lares, possam manter como último pensamento – lacrado, secreto, fariseu o fato de que há sim um lugar, para que sejam recebido de braços abertos todos os abortos sociais, deformações naturais e desválidos presenciais que se alimentam da miséria ou fartura de seus familiares e que contaminam e corrompem esse sistema de constante declínio de fingida ascensão que é a culpada sociedade. Essas criaturas não precisam ser salvas, apenas se distanciar integralmente da convivência degradante e putrefada destes ignorantes depravados.

Ontem jogou-se mais um para os braços do mar, em meio aos devaneios enternecedores de suas dificuldades em galgar seu interior. Heroicamente, grande parte dos cativos em suas primeiras semanas, alcançam a clareza em meio a sua loucura de que na realidade, não apenas estão em outro mundo, mas que abandonaram – e não foram abandonados- um mundo circunstancial de absurdo degrante, corrupto e alienígena. A figura que esta nau representa, permanecerá para sempre estigmatizada na história – que relato concreto honesto é isso? Será que alcançará o dia onde será visto todas as histórias e pontos de vista, para então juntar tudo, tacar fogo e encaminhar esse monte de cinzas cheirando a sangue, suor e derrota, para mim novamente? Esse morfema, teorema, praxi enternecedor de assistir todos os elementos necessário disponíveis sendo convertidos e submetidos a se tornarem algo que nunca foram até alcançar o estado do lapso permanente de essência, um fingidamente imposta encontro com o nada existencial, que é a ausência permanente e constante das coisas sentidas. A violência física nada mais é do que exposição ao último grau das ferramentas de poder, atitude... Hah, o cerne dessa questão foi revisto, pois não. Por fim, alcança o cerne da questão e não encontro respostas, pois é necessário a continuidade através de ação. Posso até mesmo ser o Capeta, desde que me divirta com isso.”

FIM

Mar Negro

Por: **Victor Dias**

O Autor:

Meu nome é Victor Dias.

Desenvolvi um gosto por filmes, histórias em quadrinhos e livros de terror dès de muito cedo. Meu primeiro livro a ser lido desse gênero foi o “O Chamado de Cthulhu e Outros Contos”, me apaixonei ainda mais por esse gênero e cada vez fui me interessando mais.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

Lúcia teve que se mudar da casa dos pais. De uma pequena cidade do interior para uma metrópole, onde começaria a cursar medicina em uma universidade federal. Seus sonhos estavam se tornando realidade: morar sozinha em uma grande cidade, estudar medicina, sair debaixo das asas dos pais. Ela encontrou um pequeno apartamento com quarto, sala e cozinha, à uma estação do metrô. Pagaria o aluguel trabalhando no escritório de um parente, que também a ajudou a encontrar onde morar. Era um prédio sossegado, com poucos condôminos. Lúcia ainda não tinha cruzado nem com

os vizinhos do próprio andar.

Uma mistura de sentimentos que nunca havia sentido antes tomou conta dela quando pisou no apartamento: felicidade, empolgação, a sensação de liberdade e, ao mesmo tempo, o medo de estar por sua conta em um lugar tão grande quanto São Paulo. Colocou sua música favorita no celular para apaziguar a ansiedade enquanto arrumava suas coisas no apartamento. A mobília já estava completa, só precisava deixar do jeito que mais gostava. Espalhou fotos de seus pais e dos amigos pela sala, enquanto dançava, cantava e pulava pelo apartamento. Passou a tarde assim, se organizando e atualizando as redes sociais com fotos de seus momentos de alegria. Alguns amigos desejavam sorte, outros elogiavam sua conquista, outros diziam que sentiriam saudades.

No começo da noite, Lúcia usou um aplicativo para pedir uma pizza e, enquanto esperava, conversava com sua melhor amiga por mensagem. O interfone toca depois de algum tempo, e Lúcia vai até a cozinha atender. O porteiro avisa que a pizza chegou. Lúcia calça os chinelos e desce pelo elevador. Caminha até a portaria, cumprimenta o motoboy. Ela troca o dinheiro pela pizza e volta para o prédio.

Entra no elevador, já salivando com o cheiro da pizza. Aperta o 4, e vê os andares passando pelo letreiro luminoso impaciente, mal podendo esperar para comer. O elevador para com um tranco no terceiro andar e as luzes todas se apagam. Logo a fome deu lugar ao medo, Lúcia fica atônita no meio do cubículo, sem saber o que fazer. Ela dá alguns passos pra trás assustada e ofegante, até bater com os pés na parede mais distante da porta. As luzes se acenderam, o elevador voltou a funcionar, e uma voz ecoou do alto-falante:

— Moça, está tudo bem? Caiu a energia da rua! – Era voz do porteiro que via Lúcia pela câmera do elevador.

Lúcia, ainda assustada, foi até o interfone do elevador, apertou o botão e disse:

— Está tudo bem sim, estou só um pouco assustada!

— Tudo bem então, se precisar de alguma coisa, pode ligar para portaria.

— Ok, obrigada.

Lúcia chegou no quarto andar e quase correu elevador afora. Respirou fundo e soltou o ar, se sentindo mais aliviada. Reparou que a porta do apartamento ao lado havia sido fechada, pensou que era a única moradora do andar. Enfiou a mão no bolso dos jeans e pegou a chave. Ao entrar, ouve o toque do celular. Coloca a caixa em cima da mesa e atende o telefone:

— Alô? – Ela fica esperando uma resposta, mas só ouve um chiado bem ao fundo da ligação. Lúcia, olha pra tela do celular e não reconhece o número, então desliga o celular e volta pra sua pizza.

Acorda às seis da manhã com um sorriso no rosto. Nunca tinha levantado tão disposta. Lúcia andou até a cozinha, procurou uma chaleira nos armários e encontrou uma, um pouco velha, mas que serviria. Enquanto a água fervia, foi até o quarto para arrumar a cama e separar as roupas que usaria para trabalhar: uma camisa e uma calça social. A chaleira assobiou, chamando Lúcia de volta para a cozinha, prepara o filtro e adiciona o café antes de despejar a água. Deixou a bebida coando e foi para o banho. Fez um penteado diferente, amarrando seus cachos negros e volumosos para trás com um lenço amarelo. Vestiu as roupas e sua nova sapatilha preta e estava pronta para o primeiro dia de trabalho. Tomou o café, colocou a mochila nas costas e saiu. Dessa vez resolveu usar a escada, ao invés de pegar o elevador.

Ela caminhou até a estação de metrô, o vento gelado batia em seus cachos, fazendo-os balançar. O sol não estava muito quente, mas aquecia quando os raios de sol tocavam sua pele. Ao entrar na estação, se deparou com uma aglomeração de pessoas que nunca tinha visto antes. O metrô chegava a cada cinco ou oito minutos e, mesmo assim, a plataforma não esvaziava. Lúcia entrou no vagão sendo empurrada, mas achou até um pouco engraçado. Ela observava as pessoas ao seu redor, eles não pareciam se importar tanto com o empurra-empurra ou com a lotação, alguns até conseguiam ler livros, estudar e até mesmo ir de uma conversa no celular.

Depois de cinco estações, Lúcia descia no coração de São Paulo, o número de pessoas parecia ter aumentado mil vezes. Ela saiu da estação junto com centenas de pessoas, mas a imagem da Catedral da Sé a fez esquecer por alguns segundos de tudo que estava ao seu redor. Ao voltar a si, foi descendo a praça da Sé. Virou na rua à direita e avistou o prédio onde iria trabalhar. Ao entrar no prédio, Lúcia contornou o saguão até a recepção:

— Bom dia, em que posso ajudar? – Diz a recepcionista.

— Bom dia, meu nome é Lúcia, hoje é meu primeiro dia aqui, sou a nova funcionária do escritório! – Diz Lúcia com entusiasmo.

— Ok, use esse crachá provisório para andar pelo prédio, até você receber o permanente. Você vai para o décimo andar, é onde fica o escritório.

— Muito obrigada.

Lúcia pendurou o crachá à direita de seu peito e foi até o elevador. Sentiu um frio subindo pela espinha, mas não era nada que ela podia enfrentar. Enquanto subia, o medo se transformou em ansiedade. Chegando no décimo andar, Lúcia foi procurar Sr. Roberto, o chefe do escritório e seu contratante. Ele apresentou a ela cada pessoa do escritório por nome e por cargo. Depois a levou até seu local de trabalho: uma mesa de escritório com uma pilha de papéis em branco, um computador e uma caneca apinhada de lápis e canetas.

— Você pode decorar a mesa do seu jeito! — Avisou o Sr. Roberto.

O dia foi bastante produtivo, Lúcia fez algumas novas amizades no ambiente de trabalho, aprendeu como funciona alguns processos dentro da empresa e fechou alguns arquivos. Na saída, foi com um pessoal pegar o metrô para a faculdade. Lá também seria seu primeiro dia.

Estava sendo um dia maravilhoso, até chegar na estação e a encontrar mais cheia do que pela manhã. Lúcia olhou o relógio e eram 18:25, ela ainda tinha tempo para chegar à faculdade. Despediu-se de seus novos amigos e foi enfrentar a multidão de gente para tentar chegar um pouco antes da aula começar.

Seus olhos chegaram a brilhar ao passar pelas catracas do campus. Era um prédio normal, com alguns andares, salas para todos os lados e pessoas indo e vindo o tempo todo. Ela foi até o mural de calouros se informar, viu que sua sala era a 27 e a primeira aula seria Anatomia 1. Lúcia pediu informação de como chegar para um grupo de garotas que estava próximo ao painel. Lúcia teria que subir dois lances de escada para não pegar o elevador e foi o que ela fez. Enquanto andava, pensava em como seria a aula, os novos amigos, os professores. Era um sonho tomando forma.

Saiu da faculdade conversando com suas novas amigadas, trocaram números de telefone para poderem fazer os trabalhos juntos, foi a maior satisfação da vida dela. Ao chegar em casa, cansada, mas com a sensação de dever cumprido, ela pegou o celular e mandou uma enorme mensagem para sua mãe, dizendo que era tudo que ela havia sonhado. Lúcia tomou um banho, colocou seu pijama, sentou no sofá e, enquanto comia o miojo que acabara de fazer, ligou a TV para assistir qualquer coisa que estivesse passando. Ao terminar seu jantar, ela escovou os dentes e foi dormir, se preparando para mais um dia.

Passaram três meses desde que Lúcia se mudara para São Paulo e seu entusiasmo já não era o mesmo: o cansaço era evidente em seu rosto, as olheiras eram fundas, ela já não tinha mais a mesma motivação daqueles primeiros dias. Andar pela cidade já não tinha mais a mesma graça.

No fim daquela tarde, ela havia acabado de sair do trabalho e estava a caminho da estação. Andando pelas calçadas da Sé, foi surpreendida por gritos, e olhou assustada ao redor, procurando de onde vinham. Se deparou com um senhor magro, o rosto bem envelhecido, vestia um terno preto, tinha uma barba que batia no peito e com a cabeça sem um fio de cabelo. Cada palavra que dizia, gesticulava e apontava pro céu. Lúcia continuou andando, mas olhava para o senhor tentando entender o que ele estava gritando, não conseguia identificar uma só palavra. Subitamente ela sentiu uma dor de cabeça forte, parou de andar e fechou os olhos por alguns segundos. A dor de

cabeça passou e ela voltou a caminhar.

Pegou o metrô direto pra casa, estava exausta demais para encarar a faculdade. Antes de chegar em casa, passou em um mercadinho e comprou um vinho daqueles que já vinham uma taça junto, pois em sua casa mal havia copos, quem dirá uma taça. Ao chegar em casa, a primeira coisa que fez, foi tomar um banho quente e ficar pensando no seu dia e em como estavam as coisas. Depois fez o jantar, macarrão ao molho branco. Pegou um prato e uma taça cheia de vinho tinto suave, sentou no sofá, ligou a TV e deu uma golada no vinho. Era o começo de seu final de semana.

Era segunda-feira, o celular despertou às 6h anunciando a volta à rotina. Só que Lúcia não o ouve. O celular despertava de 10 em 10 minutos, mas ela só acordou na terceira vez. Esticou o braço para pegar o celular e desligar o despertador. Ao perceber que já estava atrasada, levantou em um salto e correu para o banho. Se vestiu o mais rápido que pode, pegou a mochila e saiu de casa. A correria foi tanta que não deu tempo de preparar o café. Ela até pensou em parar em algum bar de esquina e comprar algo para comer, mas estava muito atrasada. E ela nunca se atrasara, essa seria a primeira vez.

Nesse o dia, o metrô estava circulando com velocidade reduzida devido à chuva que caiu de madrugada. A plataforma estava lotada, Lúcia precisou empurrar algumas pessoas para conseguir entrar em um vagão. A cabeça começava a dar umas pontadas leves. Ao sair da estação, ela já não sentia a cabeça doer. Chegando ao escritório, passou andando rápido sem olhar diretamente para o rosto de ninguém. Ao sentar na sua mesa, viu uma pilha de papéis à serem preenchidos e um bilhete de seu chefe grudado no monitor:

“Por favor, venha até a minha sala quando chegar!”

Lúcia colocou a mão no rosto, respirou fundo e levantou, a cabeça voltava a latejar, foi caminhando até a sala, bateu duas vezes na porta e uma voz de dentro disse:

— Pode entrar!

Lúcia abriu a porta com certa leveza e foi entrando.

— Bom dia, Sr. Roberto.

— Lúcia, veja esses documentos, eles foram expedidos por você na sexta-feira, mas a maioria está com erros, os nossos clientes nos ligaram gritando quando viram! Espero que não aconteça mais, você tem prestar mais atenção no que faz! – Disse com um tom um pouco elevado.

Lúcia nunca tinha visto o Sr. Roberto assim, sempre foi gentil com todos no escritório. Ela levantou da cadeira, pegou os documentos e foi até sua mesa. Ao sentar, sua dor de cabeça ficou mais forte, ela abriu a bolsa, pegou um comprimido e tomou. O seu horário de almoço foi na frente do computador, corrigindo os documentos e tomando um copo de café. A dor de cabeça era tanta, que ela não sentia fome. Na hora de ir embora, Lúcia tomou mais um comprimido, junto com mais um copo de café e foi pra faculdade.

Todos estavam no laboratório de anatomia, com um corpo sem vida exposto bem em suas frentes. Lúcia tentava ouvir a explicação da professora, mas a atenção sempre era tirada quando olhava o corpo escurecido e murcho deitado na bancada. A dor de cabeça voltou, sentiu uma leve tontura, sua visão escureceu, mas voltou a enxergar rápido. Ela olhou para os lados pra ver se ninguém tinha notado, mas estavam todos prestando atenção na aula. Ela começou a anotar as explicações da professora, quando começou a ouvir um chiado aumentando gradativamente. Olhou na direção de onde vinha o chiado, parecia vir do corpo deitado. Ela não tinha notado antes, mas agora notará que o corpo estava com a boca aberta. Encarou a boca, quando o chiado começou a aumentar, a dor de cabeça ficou mais forte, ela fechou os olhos por um momento e, quando os abriu, o cadáver estava mexendo a boca, os olhos se abrindo e se fechando rapidamente. Da sua boca saíam palavras que ela não conseguia entender, até que o cadáver virou a cabeça na direção de Lúcia e gritou. Ela olhava para boca que gritava, mas só enxergava uma escuridão saindo da boca dele, envolvendo toda a sala e uma luz ao fundo acendendo e apagando em um ritmo quase leve.

O chiado foi sumindo, por um momento ela sentiu que não estava mais na faculdade, o chão desaparecera, a sensação era de estar flutuando, mesmo sem nunca ter voado ou algo do tipo. Os pontos de luz foram se multiplicando e ela sentia alguma coisa abraçando o seu corpo, ela nunca havia sentido uma sensação tão boa assim, era um lugar magnífico, no fundo ela ouvia um aglomerado de palavras que não conseguia entender.

Ela fechou os olhos e abriu novamente, se deparou com a professora segurando sua cabeça e todos os colegas da sala estavam a sua volta comentando. Lúcia se levantou sem falar nada, olhou o cadáver e viu que ele ainda estava lá, deitado de cabeça pra cima e com a boca fechada. Pegou sua mochila que estava em cima de uma bancada e saiu correndo, sem explicar nada. De olhos marejados, a única pessoa em quem pensou em ligar foi pra sua mãe, mas o telefone só tocava e ninguém atendia. Ela guardou o celular e foi pra casa.

Passaram-se alguns dias desde o ocorrido na faculdade. Era final de semana, Lúcia estava estudando, já que faltou à aula alguns dias. Ela já tinha melhorado, até conseguiu terminar todos os documentos para entregar na empresa. Resolveu dar uma parada nos estudos, levantou do sofá e foi até a janela para olhar o céu. Estava uma noite agradável, um pouco quente para essa época do ano. No céu havia poucas estrelas, afinal a luz da cidade atrapalhava a visibilidade. Pensou em dar uma caminhada pelo bairro, vestiu uma roupa mais confortável e saiu.

Enquanto trancava o apartamento, percebeu que alguém a observara por uma fresta na porta do vizinho. Tinha impressão de ser uma criança, mas estava um pouco escuro para enxergar. Foi até o interruptor, ligou a luz e, quando se virou para ver quem era, a porta estava fechada. Deixou pra lá, desceu e foi andar um pouco. O vento batia em seu rosto e balançava seus cachos. Ela precisava disso, um momento só dela. Andando a mais de 30 minutos, ela resolveu voltar. Tirou algumas fotos do bairro na volta, uma esquina antes de chegar em seu prédio, ela tinha a sensação de estar sendo seguida. Olhou para trás e viu uma figura magra, com roupas pretas, cujo

rosto não conseguia enxergar, mas sentia que estava olhando para ela. A caminhada virou uma corrida, o desespero aumentava a cada passe, ela cruzou a rua sem olhar os carros e entrou no prédio correndo. O porteiro perguntou se estava tudo bem, mas ela não ouviu, subiu ofegante pelas escadas, chegou na porta de seu apartamento, mas não conseguia encaixar a chave na fechadura. Logo a respiração ofegante deu espaço para o choro, conseguiu entrar dentro do apartamento, trancou a porta e sentou encolhida no sofá. Soluçava de tanto chorar, ficou ali até pegar no sono, mas logo foi acordada pelo toque do celular, Ela atendeu, mas o celular só transmitia uma oscilação de chiados que aumentava e baixava até a ligação cair. Lúcia foi olhar o número na tela, mas não aprecia. Resolveu ver o histórico do celular, mas também não havia nenhum número lá. Com medo, ela desligou o celular. Resolveu assistir um pouco de TV para esquecer o ocorrido. Colocou em um programa de música e ficou assistindo, até cair no sono de novo. Eram 3h da manhã, a TV estava ligada, Lúcia cochilava no sofá, aos poucos ela vai sendo acordada pelo barulho da TV. Abriu só um pouco os olhos, a visão meio turva observava a TV fora de sintonia. Tornou a fechar os olhos, quando começou a ouvir um chiado vindo do lugar da TV, ela tentava abrir os olhos, mas não conseguia, alguma coisa a impedia. Junto com o chiado havia uma voz grave, dizendo palavras que ela não conseguia entender, ela sequer sabia se existia tal vocabulário. Ela tentava levantar do sofá, mas seu corpo não a respondia. O chiado cada vez mais alto começava a doer em seus ouvidos, a voz ficava cada vez mais grave. Lúcia conseguiu levantar do sofá, mas caiu logo em seguida batendo a cabeça no chão e desmaiando.

Ao abrir os olhos, percebe que não está em casa, mas em uma praia. Sentia os grãos de areia em sua mão, mas nunca tinha visto tal praia em nenhum lugar. Sua areia era da cor mais branca que podia existir e a água do mar era tão negra que era impossível ver o fundo. Ela foi se levantando aos poucos. Percebeu que não existia nada além da areia, do mar, e uma silhueta caminhando em sua direção. Conforme ia chegando perto, ela percebia que a silhueta não andava, mas flutuava sobre a areia. Ao chegar tão perto, notou que o ser era de uma cor tão escura quanto a do mar. Vestia um manto sobre o

seu corpo que refletia a luz. Era impossível ver seu rosto, e suas mãos tinham dedos compridos. O ser não dizia nada, mas Lúcia conseguia ouvir os seus pensamentos tão nítidos quanto qualquer outro som. Seu idioma era algo que não existia, mas ela conseguia entender perfeitamente. A água gelada do mar batia em seus pés, Lúcia ficou ouvindo a voz até tornar a fechar os olhos de novo. Ao acordar, percebeu que estava em casa, deitada no chão da sala. Passou a mão em sua cabeça e sentiu um leve corte, havia um pouco de sangue no chão. Ela não sabia se tudo aquilo era realidade ou alucinação.

Durante o dia, Lúcia não fez quase nada, nem comeu direito, só ficou deitada, segurando uma foto de seus familiares e por vezes, chorando. Seus pensamentos não a deixavam em paz, era trabalho, faculdade e agora essas alucinações. Por vezes ela levantava, ia até a sala, e ficava olhando pela janela. Outras, deitava no sofá, e foi assim o dia inteiro. Ao cair da noite, seus pensamentos ficaram mais fortes. A vontade era de nem existir mais, a saudade da família aumentava. Lúcia resolveu tomar um remédio pra dormir. Dormiu, mas às 2:40 da manhã ela despertou ouvindo o choro de uma criança no apartamento ao lado, o choro não passava, se ouvia passos de um lado para o outro, Lúcia se revirava na cama e o choro ia aumentando, se tornando berros de criança. Ela levantou e foi ligar na portaria para reclamar do choro, o porteiro falou que não tinha ninguém morando naquele apartamento. Lúcia foi ficando irritada e se tornando ignorante com o porteiro até desligar em sua cara o interfone. Ao voltar para o seu quarto, ela toma um susto com o seu celular tocando, se lembrava de tê-lo desligado. Ela vai até o celular que estava em cima da mesa e vê o número. O número era o mesmo que a ligava em outras vezes. Ela rejeita a ligação, mas em questão de segundos, voltou a chamar. Ela retirou a bateria do celular, mas ele não parava de tocar. A TV ligou sozinha, sem sintonizar nenhum canal e emitia o chiado ensurdecedor. Desesperada, começa a chorar e se encolhe no chão da sala. A dor de cabeça estava mais forte, ela sentia grandes pontadas, seu nariz e ouvidos sangravam, os olhos turvos já não conseguia identificar as coisas, até que aquela forma apareceu em sua frente. Ela só sabia porque ouvia a sua voz dentro de sua cabeça, e todos as dores e sons sumiram, o ser estendeu a mão com seus

dedos compridos, Lúcia segurou e levantou, viu que não estava mais em casa, mas sim na praia com o mar negro, o ser foi entrando dentro da água segurando a mão dela, que sentia a água gelada passando por seus pés. Todo peso do mundo havia sumido, ela entendia cada palavra de um idioma que nunca ouviu falar, cada vez mais fundo ela via pontos de luz brilhantes oscilando sua iluminação. Lúcia viu outros seres como ele, não sabia de onde eles viam, mas eles a diziam que sempre estiveram à sua espera.

Alguns dias depois, o serviço de Lúcia tentava entrar em contato com ela, mas ninguém atendia o celular ou o interfone do apartamento. A polícia foi acionada, ninguém sabia o paradeiro dela. Vídeos de segurança mostravam ela descendo pelo elevador só com a roupa do corpo e um ferimento na cabeça. A câmera da portaria mostrava ela saindo sozinha do prédio, foi emitido o alerta pela cidade, caso alguém a encontre.

FIM

Escuridão Ilusória

Por: **Meg Mendes**

O Autor:

Estudante de Letras, escreveu seu primeiro romance aos 15 anos, mas nunca o publicou. A antologia “Por baixo d’água” é sua primeira seleção, além da participação em mais algumas antologias e da organização de outras três. Faz parte do “Clube dos Cinco” e da ABERST desde julho de 2018.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

Era 18h30 e a capital paulista iniciava o movimento de volta para casa. As ruas abarrotadas de pessoas cansadas do longo dia de trabalho, umas indo para o merecido descanso e outras para o segundo *round* na faculdade.

Fazia frio e o céu estava escuro, eu olhava pela janela da sala de aula, ainda faltavam 30 minutos, o âmbito vazio. Do décimo andar podia ver apenas algumas luzes em prédios distantes e no mais, escuridão.

Não demorou para que a sala se enchesse, o professor chegou pontualmente para o início da aula. Ele falava sobre a matéria e eu ia quase

adormecendo, estava muito cansado.

— Tá pescando, velho? – meu colega me deu uma batida no ombro. – Mano, Luan, tá perdendo coisa importante.

O professor havia anotado na lousa: “Prova 20/10” em letras grandes e explicava quais seriam os critérios de avaliação.

O sono não permitia que eu me concentrasse no que ele dizia, era estranho eu estar assim. Por mais que tivesse trabalhado, nunca havia me sentido tão cansado.

Fazia um esforço descomunal para manter os olhos abertos quando a luz piscou. Todos em minha sala soltaram um sonoro “Aê” e todo o prédio da faculdade pareceu tremer em expectativa.

Sempre que faltava luz por muito tempo éramos dispensados. Isso era a glória para maioria dos adolescentes recém-saídos do ensino médio. Para mim, por outro lado, era uma grande perda de tempo. Morava longe da faculdade e teria ido até ali em vão.

Minha mente estava alerta, nunca fui fã do escuro e a agitação dos alunos somada a expectativa de acabar ou não a energia me fez despertar. Meu sono tinha ido embora.

O momento de euforia passou rápido e eu começava a me tranquilizar. Então a escuridão veio, sem prévio aviso desta vez. Tudo era breu. Olhei na direção em que eu sabia que ficavam as janelas e todas as luzes distantes de outrora não existiam mais.

Tudo estava escuro.

Prestei atenção por um instante e percebi atônito que a euforia corriqueira de situações como aquela não existia. Tudo estava emudecido. Não ouvia sequer o ruído dos motores dos carros que passavam na Av Paulista.

Tateei os bolsos de minha calça jeans em busca de meu celular, pretendia ativar a lanterna para ver o que acontecia, apertei o botão, porém a tela

permaneceu escura. Pensei que ele tinha desligado sem querer em meu bolso, então tentei religá-lo e nada aconteceu. Eu estava sem bateria?

Comecei a hiperventilar, a falta de luz parecia me apertar e me prender. A sensação de claustrofobia comprimia meu peito.

Com um zumbido, a energia voltou. Não sei quanto tempo ficou escuro, mas quando as luzes acenderam senti um alívio enorme e uma cegueira momentânea. Meus olhos ardiam com a súbita luminosidade e fiquei por um tempo sem enxergar.

Quando finalmente me adaptei, olhei ao meu redor e o que vi gelou a minha alma, um mar de sangue pintava o chão da sala de aula. Todos de minha turma estavam mortos. O professor, sentado em sua cadeira na frente do recinto, tinha cabeça pendendo para trás, boca e olhos abertos e sangue jorrando de um corte profundo na garganta.

Levantei-me e tentei alcançar a porta, precisava de ajuda. Escorreguei em uma poça de sangue, patinei um pouco, mas consegui me manter em pé. Só precisava sair dali.

Quando minha mão tocou o metal frio da maçaneta ouvi uma voz dizendo:

— Tá pescando, velho? – olhei para o lado quando o meu colega bateu de leve em meu ombro. – Mano, Luan, tá perdendo coisa importante.

Atônito, olhei ao redor, estava novamente sentado em minha carteira. O professor falava da prova.

Quando ousei respirar aliviado, as luzes piscaram.

FIM

O Encontro

Por: **Debritus**

O Autor:

Sou natural da cidade de Ipatinga que fica localizada na região leste do estado de Minas Gerais, casado e tenho um casal de filhos.

Tenho um livro publicado e diversas participações em antologias.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

Na minha adolescência meus avós possuíam uma fazenda, o que mais gostava de fazer era passar minhas férias lá, havia cavalos, cachorros, um lago e uma cachoeira enorme e bela. Tudo o que não existia na cidade encontrávamos naquele lugar. Muita vida e uma sensação de liberdade extrema.

Sempre tive medo daquele lugar à noite. A verdade é que o local se transformava e tudo o que era belo se tornava sombrio. Para piorar a situação, meus avós sempre ficavam à beira da fogueira contando certos encontros de moradores locais com seres extraterrestres, situações essas que sempre aconteciam à noite. Nunca acreditei nessas histórias, mas me dava arrepio

quando contavam.

A verdade é que nunca arriscava ficar a noite fora da casa, sempre que anoitecia entrava, no máximo, ficava em frente à varanda sentado próximo da fogueira com os outros.

Existia uma lenda de que, quando os seres estavam prestes a voltar, aconteciam certas situações estranhas e assombradas na propriedade que visitariam. Meus avós contavam que, em todos os casos de encontros, as pessoas relataram que tiveram acontecimentos fora do normal, desde sinais no pasto, animais desaparecendo sem deixar rastros, nascentes secando, barulhos e outras coisas.

O que estou prestes a relatar a partir desse momento ficou escondido dentro da minha memória por vários anos, durante esse período nunca tive coragem de contar o que realmente aconteceu comigo naquele dia, 19 de maio de 1986.

Cada segundo da minha experiência ficou trancado em minha memória e tinha a certeza de que morreria em segredo, mas resolvi descrever tudo o que aconteceu.

Era para ser apenas mais um fim de semana na fazenda de meus avós, estávamos em uma turma enorme, além de todos os netos resolvemos convidar nossos amigos mais próximos, pois iríamos ficar de sexta-feira até terça-feira para aproveitar ao máximo o passeio e o sol maravilhoso que estava fazendo naqueles dias. E assim aconteceu. Alugamos um ônibus e partimos para a fazenda, cheios de alegrias e planos.

Chegamos antes do almoço, resolvemos arrumar as coisas e seguir para a cachoeira. Queríamos aproveitar ao máximo.

Durante o trajeto pudemos ver vários pássaros saindo em disparada como se estivessem fugindo de alguma coisa, lembro que nunca havia visto aquilo em todas as vezes que estive ali, na hora senti um calafrio, mas, assim que chegamos, a sensação passou e aproveitamos a água para nos refrescar e ficamos ali até meu tio nos avisar que o almoço estava pronto.

Meus avós sempre foram muito rígidos e gostavam que todos estivessem à mesa na hora das refeições, apesar de que, naquele dia, seria impossível todos ficarem em volta dela devido ao número de pessoas.

Durante o dia correu tudo tranquilo e a noite logo chegou.

Como sempre, reunimos todos em volta da fogueira e meus avós começaram a contar as histórias, entretanto, dessa vez, eles relataram que, alguns dias antes de nossa chegada, começaram a acontecer coisas estranhas na propriedade. Encontraram várias galinhas mortas sem nenhuma marca de predador, certas luzes aparecendo à noite e coisas caindo dentro de casa.

Assim que o relato acabou, houve um enorme barulho dentro da casa, como se alguém tivesse derrubado um tambor ou algo assim, na hora não teve quem não ficasse com medo, até porque todos estavam ali fora e não havia ninguém dentro de casa. Corremos para dentro para verificar o que havia acontecido, mas não encontramos nada, estava tudo normal. Apesar de todos terem escutado aquele barulho ninguém encontrou nada de anormal.

Confesso que a noite não conseguia fechar os olhos e para minha tristeza pude presenciar diversos barulhos e a cada um deles eu me cobria com o lençol até a cabeça, morria de medo de olhar e ver alguma coisa, tentava conversar com alguém, mas todos estavam dormindo um sono profundo, foi uma das noites mais longas da minha vida, mas o que viria na noite seguinte mudaria o resto da minha vida.

Assim que amanheceu levantei da cama e fui para cozinha, como era de costume minha avó sempre levantava muito cedo e lá estava ela fazendo o café, conversei com ela e perguntei se ela havia escutado alguma coisa na noite anterior, ela me respondeu que tomava remédio para dormir e não escutava nada, mas que meu avô vem, há alguns dias, comentando certos barulhos dentro de casa que não consegue identificar e localizar a origem.

Tomamos café e fomos para cachoeira. Dessa vez não vi os pássaros sobrevoando, mas notei que não escutava mais nenhum som deles, Algo que era normal de se escutar durante o trajeto. Na cachoeira, o barulho dos

pássaros se misturava ao da queda d'água, mas ali, naquele momento, era apenas a queda d'água e nossas vozes.

À tarde a turma se dispersou, uns voltaram a cachoeira, outros foram pescar na lagoa, alguns ficaram na casa tirando um cochilo e eu e meus dois primos resolvemos andar a cavalo.

Sempre gostei muito de cavalos, mas sempre andava com a égua mais mansa, visto que meus primos tinham mais experiência e iam com os cavalos mais bravos e mais rápidos. Ficamos andando por ali durante horas e dessa vez resolvemos nos aventurar em uma área mais distante da propriedade.

Quando já estava quase anoitecendo resolvemos voltar, meus primos como sempre resolveram sair em disparada me largando para trás, mas ainda tinha um bom tempo até a noite cair, tinha a certeza de que chegaria a tempo. Logo notei que eles desapareceram da minha visão, continuei minha cavalgada em um ritmo lento.

Estava perto de uma ponte, a égua deu uma empinada para trás, não tive como segurar e cai no chão, no momento da queda, a égua saiu em disparada me largando. Quando olhei para a ponte pude notar uma jararaca em uma das madeiras de sustentação, eis aí o motivo do susto da égua, levantei e atravessei a ponte sem tirar os olhos da cobra, mas tinha a certeza de que logo à frente encontraria a égua visto que a mesma era muito mansa, mas não foi o que aconteceu. Para minha surpresa e medo ela havia desaparecido completamente.

Eu não tinha a mínima noção se ela havia voltado ou pego outro caminho. Caminhei durante algum tempo e logo em seguida a noite caiu. Com ela todos os meus medos vieram à tona, não tirava da cabeça a noite anterior o relato de meu avô e os barulhos dentro de casa.

Chegou um momento em que não conseguia enxergar nada a minha volta, o que achava muito estranho era o silêncio que estava fazendo, não conseguia escutar um mosquito ou outro som qualquer, foi quando, de repente, olhei para o céu e vi diversos pontos luminosos que se moviam em

alta velocidade, fiquei ali parado durante um tempo observando aqueles pontos luminosos.

Foi nesse momento, quando um desses pontos veio em minha direção e parou na minha frente, que não consegui enxergar direito devido à luz brilhante. Sabia que aquilo não era desse planeta.

De repente, uma luz me atingiu e senti como se meu corpo tivesse levado um choque. Na hora cai, mas, para minha surpresa, eu não estava no chão, estava a poucos centímetros dele, como se a luz estivesse me segurando no ar, essa mesma luz me puxou para o que parecia um ponto central.

Tenho apenas alguns flashes do que houve comigo a partir desse momento, lembro-me de estar deitado em uma espécie de maca, meus pés e mãos estavam presos e havia uma espécie de agulha em meus punhos.

Escutava alguns sons, mas era algo que não conseguia compreender, quando se aproximavam era como se estivessem com uma lanterna muito forte, só conseguia ver uma luz, não havia como descrever o formato de ninguém ou do que era aquilo, lembro que me deram alguma coisa através da agulha que queimava muito e tinha uma coloração azul escuro.

Durante algum tempo fiquei ali e depois fui enviado para outro local, entretanto, durante o trajeto pude perceber que existiam outras pessoas deitadas em outras macas, porém, não estavam acordadas, pareciam estar dormindo. Lembro-me de abrir os olhos e estar em uma espécie de quarto em formato de um polígono, fiquei ali durante muito tempo e pude perceber que ficavam me observando do lado de fora. Sempre conseguia ver alguns feixes de luzes se movimentando.

Após isso, o que consigo me lembrar é de acordar na mata a noite com várias luzes se aproximando e pessoas gritando, dizendo que haviam me encontrado, notei que uma das pessoas era meu pai, na hora tive a certeza de que havia pego no sono e que tudo aquilo não passava de um pesadelo, na hora meu pai não conseguiu dizer nada, apenas me abraçou e começou a chorar.

Fomos direto para a casa de meus avós, chegando lá, foi uma correria e gritaria, todos queriam me ver e tocar, foi quando pude ver minha mãe correndo em minha direção, ela me deu um forte abraço se ajoelhou na minha frente e foi logo perguntando:

— Onde você esteve nesses cinco dias que você ficou desaparecido?

— Olhe suas roupas estão todas limpas como se você estivesse tirado do guarda roupa agora!

— Meu Deus o que aconteceu, meu filho?

Na hora achei que era brincadeira, mas minha mãe nunca brincaria com algo tão sério dessa maneira, foi então que percebi que não era um sonho e que todos aqueles flashes que estavam em minha memória haviam acontecido mesmo. A partir daquele dia decidi não contar a verdade a ninguém, disse apenas que não me lembrava do que havia acontecido.

Depois desse ocorrido meus avós resolveram vender a fazenda e nunca mais tive notícias do local, mas todas as noites quando olho para o céu tenho a impressão de que eles estão lá em cima apenas me observando e esperando o momento certo para voltar.

FIM

O Mausoléu

Por: **Alison Silveira Morais**

O Autor:

Alison Silveira Morais é graduado em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina, atua com traduções e é escritor e ilustrador. Tem interesse nas áreas de literaturas inglesas, regionalista e na área de teologia. Publicou contos em coletâneas de terror/horror, e algumas poesias e poemas em revistas periódicas temáticas.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

Las Animas, Colorado. 1930

Harreld Thomas O’riley era um homem inovador, sempre que ouvia sobre coisas exóticas de outros países e culturas, maquinava uma forma de trazer essas maravilhas para sua comunidade, ele se tornou o primeiro fazendeiro a produzir o chá verde naquela região, era aficionado por caçar e tirava o sustento de sua família da terra. Era um homem muito respeitado, e todos na comunidade olhavam para ele como uma figura de liderança, e sua família, Judith Jo O’riley e o pequeno Darwin T. O’riley o amavam, ou pelo

menos era o que parecia.

Quase todos os dias Harreld levava seu filho até o galpão ao lado de casa, entregava-o uma Winchester 70, pegava sua relíquia dos rifles, uma Mauser 98 que seu pai usara na Primeira Guerra, e seguiam para o meio da floresta densa. Caçavam durante horas, desde guaxinins, castores, doninhas até grandes lebres e com muita sorte um carneiro selvagem. Darwin tinha treze anos, era um menino muito envergonhado e quieto, parecia sempre muito distante da realidade, sempre em um estado semi letárgico, olhando para as pessoas com desconfiança e nunca demonstrando interesse especial nas coisas. Porém, algo em sua feição mudava drasticamente quando saía para caçar com seu pai, seus olhos semicerravam-se, as sobrancelhas retesavam-se, suas bochechas e lábios ficavam avermelhados, e suava frio por de baixo da roupa, sentindo um arrepio inevitável em seu pescoço.

— Vamos Darryl! – Dizia Harreld.

— Vamos... – Respondia quase em um sussurro, Darwin.

Las Animas, Colorado. 1932

Era impossível continuar morando ali, Wyoming era logo ao lado, e lá a situação não estava tão ruim, o problema estava sendo Judith que se prendia muito àquele fim de mundo, sua família toda era de Las Animas, mas já fazia quase dois anos que eles sofriam dia após dia com o que os governantes chamavam de *Dust Bowl*, a seca e as tempestades de poeira que devastava o Colorado naqueles anos. Vários vizinhos e amigos da família haviam morrido com problemas respiratórios ou já haviam fugido à muito tempo. Então Harreld decidiu se mudar, nem que para isso precisasse arrastar sua esposa pelos cabelos.

Uma noite ele preparou seus retalhos, enfiou as roupas da mulher em uma mala velha e amassada e começou a discutir com ela sobre a mudança. Ela queria ficar, pois acreditava que as tempestades era um castigo de Deus para algo que haviam feito de muito errado. Darwin ouvia a briga de seu

quarto, com muito medo, quando seu pai começou a bater em sua mãe, os sussurros se tornaram gritos e o menino não sabia o que fazer...

•

No dia seguinte, nas primeiras horas da manhã, o menino Darwin foi encontrado deitado às portas da casa de seu vizinho, Manfred, o velho carpinteiro da comunidade. Curioso, ele perguntou o que o menino fazia ali na sujeira, quase coberto de poeira, e Darwin choramingando, explicou que seus pais haviam ido embora.

Uma pequena reunião de emergência entre alguns moradores dali e uma revista na casa dos O'riley deixaram a forte impressão, ou a certeza, que eles tinham ido embora e abandonado o pequeno Darwin. Todos achavam que o menino tinha algum problema mental, mas ninguém falava nada, e depois de ele explicar que seus pais estavam brigando de madrugada sobre ir para o Wyoming, todos colocaram uma pedra em cima do assunto e Manfred de setenta e quatro anos adotou o menino Darwin de quinze.

Darwin cresceu aprendendo o ofício da carpintaria, todavia, ainda possuía uma vontade arrebatadora de caçar, coisa que misteriosamente nunca deixou de fazer, e só o fazia sozinho. Quando Manfred morreu, um pouco mais que cinco anos depois de tê-lo adotado, deixou por testamento sua pequena casinha, sua oficina e alguns metros de terra para Darwin, que se tornou um homem ainda mais fechado e antipático aos olhos dos vizinhos.

Las Animas, Colorado, **quarenta anos depois**, 1972

Darwin crescera rápido e vivera uma vida simples, era já idoso, não se casara, nem tivera filhos, preferiu construir uma casa no meio da floresta onde caçava e passava a maior parte do tempo, raramente voltando para a casa de Manfred para fazer negócio. Ele trocava peles curtidas e tratadas de suas caças por suprimentos na cidade. Aparecia uma vez a cada duas semanas e comprava vegetais, grãos, munição para rifles e logo partia de volta para o isolamento.

Era visto como um homem misterioso, porém inofensivo, alguns lembravam de sua história, mas muitos outros mal o conheciam. Algumas crianças caçavam dele chamando-o de pé grande, por viver nos confins das florestas e ter uma barba volumosa enorme quase completamente grisalha, mas não passava disso, todos os habitantes o respeitavam como pessoa e o consideravam honesto com os preços de suas peles.

Raramente Darwin encontrava alguém nas florestas, e quando encontrava eram caçadores amadores ou casais de namorados apaixonados e em ambos os casos ele dava um tiro de alerta para cima e eles saíam correndo.

Uma tarde, enquanto caçava, Darwin avistou um vulto branco atravessando com velocidade alguns galhos de árvore, e resolveu ir atrás. Após alguns minutos pôde avistar de novo a pequena criatura branca como algodão, agilmente se deslocando entre as árvores, a tarde ia se tornando noite, e o frio aumentava assim como uma ventania repentina que fazia parecer que a floresta era um grande pulmão enervado. Darwin persistiu, e com calma se aproximou do que percebeu ser um macaco albino. Maravilhado, ele mirou, atirou e acertou em cheio o animal, que guinchou alto com a dor e se estatelou no chão. Darwin estava extasiado com o seu “prêmio”, colocou-o em um grande saco e levou-o para sua casa. Iria preparar com aquela carne um belo guisado com batatas para o jantar, retirar, curtir e apreciar sua nova pele, que resolvera não vender.

Aquela noite Darwin dormiu muito mal, teve febres, calafrios horríveis e pesadelos que traziam lembranças aterrorizante de seu passado. Durante toda aquela semana teve noites em claro, impiedosamente atormentadoras e paralisias pela manhã, ele já não conseguia pregar os olhos sem que alguma imagem monstruosa lhe invadisse a mente. Vivia dentro de seus pesadelos mais sórdidos, se imaginava morrendo afogado, devorado por criaturas da noite, em um incêndio na floresta ou no meio de uma tempestade de poeira enquanto tentava alcançar seu rifle.

Se sentia exausto durante o dia, mas continuou fazendo suas peles e saindo para caçar, estava começando a ter dificuldade para prestar atenção ao

seu redor, ouvia sons que não estavam lá e ilusões de animais cruzando seu caminho. Errou muitas vezes a pontaria e ficou enfurecido por não ter conseguido matar nem se quer uma doninha da metade daquela semana para o fim. Não podia continuar assim.

No sétimo dia sem conseguir dormir, Darwin, mortificado por noites e pesadelos perversos, enquanto caçava em uma região distante nas florestas, viu algo que fez seu coração parar e seus membros congelarem. Um menino nu, caído no chão da floresta, coberto de sujeira e insetos. No que pareceu uma fração de segundo, enquanto Darwin coçava os olhos, quando reabriu, o menino estava em pé bem em sua frente. Com um sobressalto deu alguns passos desajeitados para trás e apontou a arma para o garoto. O rosto e a expressão do menino pareciam de muita tranquilidade, era um menino magro, com olhos muito escuros e cabelo curtos e desgrenhado, aparentava ter por volta de doze anos. Sorriu para Darwin e coçou a barriga enquanto falava:

— O senhor é o pé grande?

— Garoto, o que está fazendo aqui nessa parte da floresta? Aonde estão seus pais? Onde você mora?

— Eu moro aqui e o senhor mora aonde?

— Garoto, aonde estão seus pais?

— Fugiram

— Venha comigo, vou te levar até a cidade, que merda! O que um garoto nu está fazendo nesse fim de mundo?

— Não quero, eu não te conheço, quem é você?

— Meu nome é Darwin, sou um caçador, e você não deveria estar aqui sozinho nessa situação, vamos! Sem enrolação.

— Você vai me levar para o Mausoléu? – Respondeu o menino, quase sussurrando.

Naquele momento, Darwin sentiu um pânico crescente em seu peito, um

aperto e a sensação horrível como um soco no estômago que o deixou sem ar. O garoto prosseguiu choramingando:

— Não quero ir para lá de novo, eu não gosto, eu não gosto, eu não gosto, não quero ir para o Mausoléu!

— Para com isso de Mausoléu, do que você está falando moleque idiota? cale a boca, e venha logo aqui para te levar.

— O que vai fazer comigo Daryll? Vai me levar para lá, me vendar, e me estuprar? ... eu aprendi essa palavra com a mamãe quando ficava com ela em casa nos domingos.

— Quem é você? Hein? Seu desgraçado! Eu devo estar delirando, some daqui, some daqui agora!

— Você tinha um segredo guardado no Mausoléu, agora você tem dois, e eu conheço o seu segr... – se ouve um estampido...

A cabeça do menino se partiu ao meio com o tiro a queima roupas de Darwin, bem entre os olhos, seu cérebro foi ejetado pela nuca e seus olhos viraram para lados opostos, caiu ao chão ainda com espasmos nos dedos da mão e dos pés. Em um surto repentino ele descarregou seu rifle Ruger n.1 no corpo do garoto com mais quatro tiros.

Darwin colocou-o em um saco e arrastou-o pela floresta por quatro quilômetros e meio, levou quase uma hora para chegar até o Mausoléu abandonado. Era uma construção fúnebre perdida na floresta, provavelmente era usado por alguma família rica que morou por ali por volta dos anos 1850, estava completamente tomada por raízes, cipós, bromélias e mato, quase invisível em meio à cegueira verde daquele lugar. O velho abriu a porta e se dirigiu ao centro do Mausoléu, onde havia um jazigo com três gavetas, ele se dirigiu a terceira gaveta, abriu-a, retirou algumas folhas e sujeira que lá tinha e virou-se para abrir o saco e depositar no jazigo o corpo do menino, quando ouviu vários passos no lado de fora da construção.

Suas mãos e pés estavam dormentes, sua roupa ensopada de sangue, não

mais distinguia a realidade e imaginou estar delirando e ouvindo coisas, no entanto, abandonou essa teoria quando viu três senhores apontando suas espingardas para ele. Atônito e duvidando do que via, se levantou para buscar seu rifle que havia deixado à alguns passos de distância, mas um dos três homens gritou:

— Oficial Garret, da Polícia do condado de Las Animas, mãos sobre as cabeças e para o chão por favor.

Darwin parou, com olhos ejetados e nervosos, suas mãos tremendo, olhou para eles e falou grosseiramente:

— Meu nome é Darwin, senhor oficial, o que eu fiz? Estou caçando, eu...eu...sou um homem de bem...

— Não estamos lhe acusando de nada caro senhor Darwin, ouvimos de longe uma conversa entre dois homens, observamos que alguém havia atirado repetidas vezes, a conversa acabou e logo em seguida o vimos arrastando floresta adentro um saco por horas. Estávamos caçando por aqui também, então resolvemos segui-lo pelo comportamento suspeito, o que o senhor tem no saco?

O saco estava sujo e completamente ensanguentado, Darwin, gelado e aflito não conseguiu formular uma resposta, se sentia exausto, mas balbuciou:

— É caça... é apenas... é um... – Enquanto falava, Darwin se imaginou na prisão, entre quatro paredes brancas, e aquilo foi um choque forte demais, correu em direção ao seu rifle, mirou e atirou, acertando um dos oficiais no pescoço. Tentou sair correndo para a porta, mas Garret rolou e atirou, acertando seu quadril. Darwin apagou com a dor.

•

O curioso da situação foi o oficial Garret perceber que dentro do saco havia somente um macaco branco todo perfurado de balas, uma caça de fato, ficaram sem entender a tentativa desesperada de Darwin de fugir dali e atirar nos oficiais, sendo que ele estava falando a verdade. Foram averiguar o jazigo

de pedra, e quando resolveram abrir as outras gavetas, o que viram lá faria com que lembrassem daquele Mausoléu para o resto de suas vidas.

Mais tarde, na cidade, foi revelado que foram encontrados dois corpos no Mausoléu, sendo os cadáveres de Harreld Thomas O’riley e Judith Jo O’riley. Na primeira gaveta estava os restos mortais do pai de Darwin, com um buraco em seu crânio e totalmente abandonado com suas roupas rotas da época. Já na segunda gaveta estava o esqueleto de sua mãe, Judith, ela estava vestida com um longo vestido bonito e sua gaveta estava repleta de flores brancas, não havia nenhum dano em seus ossos. Em seu alucinado depoimento à polícia, Darwin revelou em partes que seu pai o levava para caçar na floresta, e o violentava naquele Mausoléu, fazia aquilo em casa com a sua mãe também e aquilo acabava com ele. Por fim, tentou explicar o que havia acontecido há quarenta anos atrás, porém deixou mais mistérios do que respostas em sua confissão.

•

Naquela noite de 1932, Darwin ouvia de seu quarto mais uma discussão violenta entre seus pais, foi quando percebeu que mais uma vez seu pai estava espancando sua mãe. O estopim foi ouvir sua mãe gritando por socorro. Em pânico, ele saiu da cama, pulou a janela do seu quarto e correu em meio à tempestade de areia até alcançar o depósito, pegou a Winchester 70 do pai e voltou correndo. Abriu a porta do quarto ao lado e viu seu pai, estuprando e estrangulando sua mãe. Ele mirou, atirou, e uma explosão de sangue e cérebro pintou as paredes do quarto. O corpo de Harreld bateu com força contra o assoalho, Darwin correu em direção à sua mãe, porém ela já estava morta. Chorou como a criança que era, e gritou com todo o ar de seus pulmões desesperados, sem ser ouvido por ninguém, somente a tempestade tinha ouvidos para seu sofrimento...

Quando questionado sobre o que acontecera após o assassinato, Darwin se mostrou confuso e se fechou por completo, alegou que não lembrava, justamente o que mais intrigava as equipes de investigação, ele não esclareceu. Como um garoto magro de quinze anos, arrastou os corpos de dois

adultos por mais de treze quilômetros floresta adentro, de madrugada, e sobre uma das mais violentas tempestades de areia registradas na história dos Estados Unidos. Havia de ter precisado da ajuda de alguém, pois além de tudo, o menino voltou para a casa, limpou todo o sangue do quarto e conviveu escondendo este segredo mórbido por mais de quarenta anos, sem arrependimentos.

FIM

Succubus

Por: **Juliane Vicente**

O Autor:

24 anos. Natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Mestranda em Comunicação e Informação (UFRGS). Graduada em Letras - Língua Inglesa (PUCRS). Contista. Bailarina no Grupo Andanças. Professora de Literatura, Língua Portuguesa e Inglesa.

Contato: [E-mail](#)

Conto:

Eu caminhava na frente do mosteiro quando o menino sorriu pra mim. Era difícil encontrar almas que resplandessem como aquela e ainda pudessem me enxergar. Abanei para ele e o escolhi. Nas primeiras semanas acompanhei seus estudos para se tornar um acólito, ele tinha 8 anos e nada em sua vida houvera sido trágico. Não importava o quanto eu sussurrasse em seus ouvidos, ele parecia ignorar minhas investidas. Poucas pessoas poderiam se orgulhar de tal feito. Sendo assim, decidi tirar-lhe algo que o fizesse quebrar. Após a morte do irmão ele transformou a raiva em rebeldia, quanto mais ele aterrorizava os colegas menos ele conseguia me ver, acreditando cada vez

mais que eu era sua voz interior. Da mesma forma, passei a lhe instigar o contato com o professor conhecido por sua intolerância e rigidez, isso o tornou obstinado. Passou a crer que o auto sacrifício era um preço a pagar por uma causa que fosse justa. Ao terminar os anos de escola estava decidido a deixar a província, lhe causava nojo a quantidade de povos naquele lugar que em nada lhe parecia um lar. Quando chegou em Viena tentara duas vezes entrar para a Academia de Artes. Ele não tinha talento o suficiente, era o que lhe diziam a meu comando.

O que eu queria para ele não permitia que ele fosse um artista. Tornou-se mensageiro na Primeira Guerra Mundial e se não fosse a minha proteção teria jazido em território inimigo. O sacrifício se tornara parte de sua filosofia: não há sucesso sem dor. A infertilidade como um ferimento de guerra lhe incutira a certeza de não constituir família. A única família que ele desejava era um fracasso que ele não conseguia aceitar: a Alemanha havia perdido a Primeira Guerra. Se não fossem os judeus e sua rendição o destino do país teria sido diferente, eu repetia enquanto acariciava seus cabelos. Começou a ir em passeatas e observar os líderes da revolução. O país havia perdido seus territórios e ele tinha que fazer alguma coisa. A guerra havia sido a melhor experiência de sua vida e não havia outro meio de conquista que não a violência. Como agitador político encontrou a vocação latente, sua habilidade de se comunicar com as multidões lhe trouxe o convite para ingressar no partido dos trabalhadores. Até mesmo criou o símbolo que ficaria conhecido por centenas de anos como sinônimo do horror: vermelho, preto e branco, as cores vivas do antigo império alemão. As minhas cores. O avanço do partido e sua ascensão lhe trouxeram ambições ilimitáveis, foi assim que tentou tomar o poder na Bavaria. Não sendo bem-sucedido foi levado preso, na cela solitária que o encarceraram saíram os escritos necessários para a conquista do seu lugar. Minha luta, titulava sua obra porque apenas a emoção e o ódio controlavam a vida. O sucesso do livro lhe trouxe a riqueza que advinha da sede de sangue natural ao homem. Quando foi liberto a Alemanha havia entrado em colapso, finalmente sua chance se mostrara. Em momentos de desespero o homem se agarra no que lhe traz conforto. A promessa de paz

dele era o contrário do que seria feito. Eu queria o caos. Muitos são os nomes que me são dados por isso. De deusa à demônio, prefiro o último. Não há um derramamento de sangue neste planeta que não tenha minhas mãos cravadas sob os sonhos daqueles que nasceram para se tornar grandes líderes. Quando o meu pupilo finalmente se tornou o líder do país, as multidões gritavam seu nome e o enalteciam, diziam até mesmo que ele era um enviado de Deus.

Foi nessa época que eu decidi assumir a forma humana e me tornar sua serva. O país renascido exalava superioridade e poder. A sede de vitória tomava proporções perigosas, mas ele não fraquejava. Era um exímio estrategista. Inúmeros sucessos impediram que ele enxergasse a derrota à sua frente. Ao atacar a União Soviética viu diante de si o desmoronar de tudo pelo qual havia lutado. Qualquer atitude se tornava conspiração aos seus olhos, cada vez mais recluso e introspectivo passou a desconfiar de todos. A ganância afinal corrói a alma dos homens. Confinado em um Bunker perdia a vitalidade que outrora tivera. Mesmo sob minha influência sua amabilidade tinha saído notória durante esses anos. Comemorei, saboreando o doce sabor da derrota alheia. Finalmente ele se tornara uma sombra do menino que eu havia escolhido. Olhou para mim e disse que seu corpo não seria um troféu. Diante do fim, se ajoelhou aos meus pés, arrependido do caminho que havia tomado. Ele queria ter sido um artista, ele teria sido um padre. A voz embargada questionava o destino, amaldiçoava a si mesmo. Dispensei os empregados, enquanto ele balbuciava aos soluços. Foi quando eu senti tédio. No fundo eu esperava que ele permanecesse de pé. Nada do que eu via a minha frente era o seu destino, era um homem em frangalhos. Talvez eu fosse boa demais no que eu faço. Era hora de ir para o próximo. Não aguentava mais seu choramingo.

Sussurrei em seu ouvido e ele pegou a arma.

FIM

Para mais títulos e outros projetos, acesse nosso site:

SELOEE.WEEBLY.COM